



Escola Superior de Educação , Comunicação e Desporto

Instituto Politécnico da Guarda

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

Luciana Alves Rios

dezembro de 2012



Escola Superior de Educação , Comunicação e Desporto

Instituto Politécnico da Guarda

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

Mestranda: Luciana Alves Rios

Orientador: Professora Doutora Maria Eduarda Ferreira

dezembro de 2012

Agradecimentos

“Aqueles que passam por nós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”

“O principezinho” de Antoine de Saint – Exupéry

Agradecer é uma tarefa difícil, pois não queremos deixar ninguém de parte. Então, desde já, como agradecer nunca é demais, um muito Obrigada a todas as pessoas com as quais nos cruzamos e tornaram este percurso possível!

Em primeiro, queremos agradecer à família, pais, irmão, sobrinhas, tios, tias, primos, primas e afilhados sem eles isto não seria possível, o seu apoio incondicional sustentaram estes cinco anos.

Ao Rui, uma palavra muito especial de apreço, a força e entusiasmo manifestados, em cada fim de semana, constituíram um alento particular!

À Ana e ao Hugo, aqueles amigos especiais, que estiveram Sempre presentes e que acreditaram sempre neste trabalho!

À minha orientadora, a Doutora Eduarda Ferreira, sobretudo pela Exigência, pela compreensão, por me deixar dar o primeiro passo neste meu sonho da implementação da Educação sexual.

Aos meus supervisores Dr.^a Ana Lopes, Doutora Eduarda Ferreira, Dr.^a Elisabete Brito e Doutor Pedro Tadeu que sempre estiveram disponíveis e a incentivar novas aprendizagens.

A todos os professores com os quais nos cruzamos, mas sobretudo à professora Elisabete Brito e à professora Rosa Tracana, expressamos reconhecimento por em momentos difíceis acreditarem que seria possível, com amizade foram indicando-nos o caminho a seguir.

Aos colegas de mestrado, principalmente aqueles que integraram o mesmo grupo de estágio, a Margarida Pinho e o Sérgio Mendes, ficam também expressas palavras especiais de reconhecimento pela intercolaboração que proporcionou aprendizagens e apoio, em momentos cruciais, neste palmilhar do 2º ciclo do ensino básico.

Claro que não ficam esquecidas as amigas: a Inês, por toda a aprendizagem e companheirismo, a Isabel, por todas as viagens sem fim, a Catarina pelas conversas à janela e em horas aflitivas, a Andreia pela saída da rotina e a Susana pela disponibilidade.

E não menos importante, um muito Obrigada a todas as crianças com as quais tivemos o prazer de aprender!

Resumo

Este relatório prende-se com a descrição da Prática de Ensino Supervisionada do estágio no 1º e 2º ciclo do Ensino Básico.

Começamos por apresentar as caracterizações das instituições escolares da cidade da Guarda, o Centro Escolar da Sequeira e a Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca, e das turmas de estágio. É feita, igualmente, uma descrição reflexiva relativa às práticas de ensino supervisionada, no 1º Ciclo e no 2º Ciclo nomeadamente nas disciplinas de História e Geografia de Portugal, Ciências da Natureza, Língua Portuguesa e Matemática.

No terceiro capítulo, faz-se uma abordagem à importância da Educação Sexual no 1º ciclo do ensino básico. Apresenta-se uma experiência pedagógico-didática “ Até onde vai o carinho” implementada, na turma de 4º ano, onde se apresentam as atividades, as estratégias e as finalidades a alcançar. Apresenta-se a contextualização da relevância das aulas de Educação Sexual. A formação de crianças e jovens mais conhecedores do seu corpo e sua fisiologia, assim como a segurança, ou seja, a prevenção do abuso sexual, constituem objetivos desta intervenção pedagógica.

Ao longo da realização deste relatório foi privilegiada a análise de documentos e a pesquisa bibliográfica, cruzando as diversas fontes de informação existentes. Verificamos que ainda há muito a trabalhar no âmbito da Educação Sexual, pois apesar de estar legislada, ainda não se encontra em vigor na maioria das escolas em Portugal. A abordagem da sexualidade encontra constrangimentos diversos, quer no contexto das aprendizagens informais quer no contexto de ensino formal.

Assim, no contexto da área “Formação Cívica” implementamos três aulas, de 50 minutos, de Educação Sexual, na turma onde decorreu o estágio do 1º ciclo do ensino básico. A exploração das temáticas tiveram por base o conhecimento prévio das conceções das crianças. O diálogo constituiu uma importante ferramenta nesta abordagem. Os registos icnográficos e escritos revelaram-se fundamentais neste processo de aprendizagem. Verificamos que estas crianças, ao longo destas sessões, revelavam entusiasmo e vontade de aprender mais.

Palavras-chave:

Educação para a saúde, Educação Sexual, Sexualidade, Conceptions alternatives, Prática de Ensino Supervisionada no 1º ciclo.

Abstract

This report is related to the description of supervised Teaching Practice Stage in the 1st and 2nd cycle of basic education.

We present the characterizations of educational institutions of the city of Guarda, the Central School of Sequeira and Dr. José Dinis da Fonseca, and classroom placement. It also made a reflective description on supervised teaching practice in the 1st cycle and 2nd cycle particularly in the subjects of history and geography of Portugal, natural sciences, mathematics and portuguese.

In the third chapter, there is an approach to the importance of sexual education in the 1st cycle of basic education. We present a pedagogical-didactic experience “far will the affection” implemented in the class of 4 class, which presents the activities, strategies and goals to achieve. We present the context of the relevance of Sexual Education classes. The formation of children and young people more aware of their body and its educational intervention.

Throughout the production of this report was made document analysis and literature search crossing the various existing sources of information. We find that there is still much to work under the Sexual Education, despite being legislated is not yet in place in most schools in Portugal. The approach of sexuality finds many constraints, either in the context of informal learning and in the context of formal education.

Thus, in the context of the area “Civics” implement three lessons, 50 minutes, Sex Education, the classes took the stage where the 1st cycle of basic education. The exploration of themes were based on prior knowledge of conceptions children. The dialogue was an important tool in this approach. Icnografics records and writings have proved essential in this learning process. We found that these children, throughout these sessions, showed enthusiasm and willingness to learn more.

Key words:

Health Education, Sex Education, Sexuality, Conceptions alternatives, Supervised Teaching Practice in the 1st cycle.

Índice

1. Introdução	1
CAPITULO I	
2. Enquadramento institucional.....	3
2.1 Caraterização do meio.....	3
2.2 Caraterização das Instituições Escolares.....	6
2.2.1. Centro escolar da Sequeira.....	6
2.2.2. Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca	8
2.3 Caraterização das turmas.....	10
2.3.1. Turma do 4º ano	10
2.3.2. As turmas do 2º Ciclo.....	14
CAPITULO II	
3 Descrição do Processo de Prática de Ensino Supervisionada	23
2.1. O 1º Ciclo do Ensino Básico	25
2.2. O 2º Ciclo do Ensino Básico	29
i) Português.....	29
ii) História e Geografia de Portugal.....	31
iii) Matemática.....	32
iv) Ciências da Natureza.....	33
CAPITULO III	
4 Educação sexual no 1º CEB: Experiência pedagógico-didática.....	36
4.1 Enquadramento teórico	36
4.2 Proposta de uma prática docente.....	45
4.3 Conclusão.....	50
CAPITULO IV	
5 Conclusão.....	52
5. Bibliografia	53
Apêndices.....	56

Índice de figuras

Figura 1	
Mapa do distrito da Guarda.....	3
Figura 2	
Centro Escolar da Sequeira.....	6
Figura 3	
Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca.....	8
Figura 4	
Organização da sala de aula	10
Figura 5	
Digrama de caule-e-folha.....	27
Figura 6	
Pictograma	27
Figura 7	
Festa de Natal	28
Figura 8	
Festa de Natal	28
Figura 9	
Trabalho de um aluno da decomposição de uma flor.....	33
Figura 10	
Algumas das conceções sobre as diferenças entre o sexo masculino e feminino.....	45
Figura 11	
Desenho dos alunos com a identificação sexual.....	46
Figura 12	
Poema “Quem manda aqui sou eu!”	49

Índice de Gráficos

Gráfico 1

Acompanhamento nos trabalhos de casa 12

Gráfico 2

Ocupação dos tempos livres 12

Gráfico 3

Possui computador e internet 13

Gráfico 4

Local de estudo13

Gráfico 5

Distribuição dos alunos por sexo 14

Gráfico 6

Forma como os alunos se deslocam para a escola 14

Gráfico 7

Encarregado de Educação.....15

Gráfico 8

Atividades de tempos livres.....15

Gráfico 9

Encarregado de Educação 17

Gráfico 10

Habilitações dos pais 17

Gráfico 11

Meio de Transporte 18

Gráfico 12

Apoio ao estudo18

Gráfico 13

Modo de trabalho 18

Gráfico 14

Ocupação de tempos livres19

Gráfico 15

Distribuição dos alunos por sexo 20

Gráfico 16

Habilitações literárias dos pais20

Índice de tabelas

Tabela 1

Distribuição dos alunos..... 8

Tabela 2

Organização da escola..... 9

Tabela 3

Horário 11

Lista de siglas

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular

AFD – Atividade Física e Desportiva

APF – Associação para o Planeamento Familiar

ATL – Atividades de Tempos Livres

CA – Conceções Alternativas

CAF – Componente de Assistência à Família

CEB – Ciclo do Ensino Básico

CNEB – Currículo Nacional do Ensino Básico

ES – Educação Sexual

ESECD – Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto

DGS – Direção Geral de Saúde

GTES – Grupo de Trabalho em Educação para a Saúde

IPG – Instituto Politécnico da Guarda

ME – Ministério da Educação

OMS – Organização Mundial de Saúde

PES – Prática de Ensino Supervisionado

PPES – Projeto de Promoção de Educação para a Saúde

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

1. Introdução

Este relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionado (PES) no 1º e 2º Ciclo em Ensino Básico, inserido no plano de estudo curso de Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico do Instituto Politécnico da Guarda, na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto (ESECD).

Segundo Matos (2011:3), o objetivo geral do Estágio Profissional é “a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão”. É neste contexto que este relatório se insere. É nosso objetivo descrever e refletir sobre as tarefas e funções realizadas, as dificuldades encontradas e as estratégias e ações a adotar para as ultrapassar.

A Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico (PES I) decorreu, na cidade da Guarda, no Centro Escolar da Sequeira numa turma de 4º ano e a PES II na Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca através da lecionação de duas turmas do 5ºano e uma do 6º ano de escolaridade.

A estrutura deste relatório decorre do estabelecido pela ESECD.

Assim, no primeiro capítulo faz-se as caracterizações do meio, das instituições escolares e das turmas.

No segundo capítulo é descrito o processo das práticas de ensino supervisionada nomeadamente no ensino do primeiro Ciclo e no ensino do segundo Ciclo do Ensino Básico (1º CEB e 2º CEB) nas áreas de português, matemática, história e geografia de Portugal e ciências da natureza. Este capítulo é simultaneamente descritivo, das atividades executadas, e reflexivo sobre as práticas de ensino implementadas. Aí são explicitadas as metodologias aplicadas bem como as planificações e observações efetuadas.

O terceiro capítulo é dedicado à abordagem de práticas docentes relacionadas com a temática “Educação sexual no 1º CEB”.

Assim, numa primeira parte faz-se a contextualização teórica e na segunda parte, deste capítulo, são descritas as atividades pedagógicas implementadas na turma do 4º ano do 1º CEB da escola do Centro Escolar da Sequeira, instituição onde decorreu a PES II.

Por fim apresenta-se uma reflexão crítica, sobre o percurso de aprendizagem ao longo dos oito meses em que decorreu o estágio.

Capítulo I

*“ A educação é a arma mais poderosa para mudar
o mundo.”*

(Nelson Mandela)

2. Enquadramento institucional

2.1 Caracterização do meio

No dia 27 de Novembro de 1199, foi fundada através do foral de D. Sancho I, a cidade da Guarda. O propósito da sua fundação foi o de existir um centro administrativo de comércio, organização e defesa da fronteira da Beira contra os reinos do centro da Península Ibérica (originalmente Reino de Leão, depois Castela e, finalmente, Espanha). Terá sido a este propósito que se deve o nome Guarda.¹

A cidade foi fundada por D. Sancho I que concedeu à Guarda uma carta de foral, a 27 de Novembro de 1199. O (re) povoamento desta zona fez-se obedecendo a razões de ordem estratégica, o que permitia organizar uma defesa perante ameaças dos inimigos. Através da carta de foral, os habitantes receberam diversos privilégios e o incentivo ao povoamento, sendo este o desejo do rei.

Esta cidade, capital do distrito, teve, ao longo dos tempos, uma inegável importância estratégica e militar, sendo um marco bastante importante da história de Portugal.

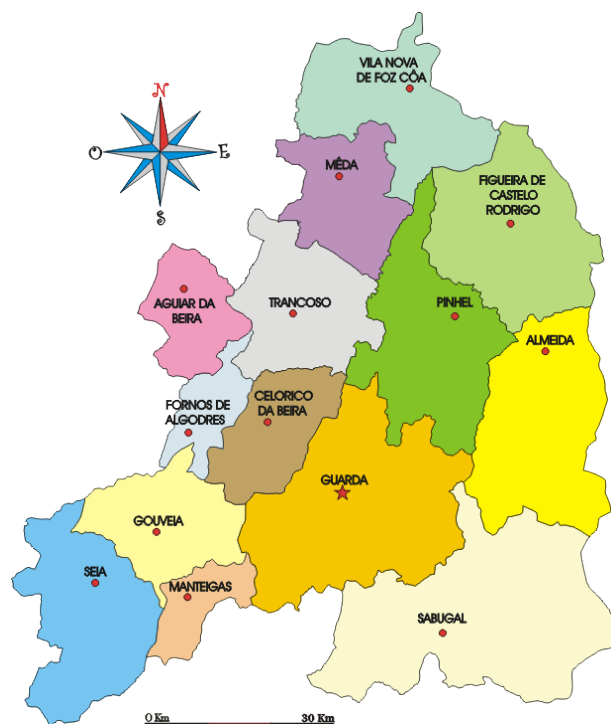


Figura 1 - Mapa do Distrito da Guarda

Fonte: <http://portugal-verdegaio.blogspot.pt/2008/09/distrito-da-Guarda>

¹ Retirado de <http://abaciente.blogspot.pt/2012/11/d-sancho-i-atribui-foral-guarda-27-de.html>, consultado a 20 de agosto de 2012

É a cidade dos 5 efes. É considerada Farta, pois desde sempre os vales do Mondego a encheram do necessário. Forte porque da sua fortaleza falam os troços e portas das muralhas. Fria, pois o seu clima tipicamente montanhoso assim o decide, sendo considerada uma das cidades mais frias de Portugal. Fiel, porque advém do alcaide Álvaro Gil Cabral, fiel ao Mestre de Avis, durante a crise 1383 – 85, se ter negado a entregar as chaves da cidade ao Rei de Castela. Formosa pela beleza natural, que a envolve.

A Guarda é uma cidade constituída por três freguesias urbanas com 26 565 habitantes, inserida no concelho homólogo com 712,11 km² de área e 42 541 habitantes (censos 2011). O município é limitado a nordeste pelo município de Pinhel, a leste por Almeida, a sudeste pelo Sabugal, a sul por Belmonte e pela Covilhã, a oeste por Manteigas e por Gouveia e a noroeste por Celorico da Beira. É ainda a capital do Distrito da Guarda que tem uma população residente de 173 831 habitantes. Situada no último contraforte Nordeste da Serra da Estrela, a 1056 metros de altitude, sendo a cidade mais alta de Portugal. Situa-se na região centro de Portugal e pertence à sub-região estatística da Beira Interior Norte.

Possui acessos rodoviários importantes como a A25 que a liga a Aveiro e ao Porto bem como à fronteira, dando ligação direta a Madrid; a A23 que liga a Guarda a Lisboa e ao Sul de Portugal, bem como o IP2 que liga a Guarda a Trás os Montes e Alto Douro, nomeadamente a Bragança.

A nível ferroviário, a Cidade da Guarda possui a linha da Beira alta, que se encontra completamente eletrificada permitindo a circulação de comboios regionais, nacionais e internacionais, constituindo "o principal eixo ferroviário para o transporte de passageiros e mercadorias para o centro da Europa" com ligação a Hendaye (França, via Salamanca-Valladolid-Burgos).²

No que concerne ao relevo, este distrito é muito montanhoso, formado por elevações a diversas altitudes, variáveis entre os 500 e 900 metros, atingindo a sua altura máxima na Serra da Estrela (1991 metros) que pelas suas características é hoje o principal atrativo turístico da região.

A Guarda é detentora de alguns monumentos arquitetónicos, localizados na maioria no centro histórico, cita-se: Sé Catedral, Igreja da Misericórdia, Capela do Mileu, Torre dos Ferreiros, Torre de Menagem – castelo, Muralhas da cidade, Judiaria e Antigo Paço Episcopal.

Em relação à economia desta região constata-se que apesar do setor agrícola ter sido preponderante no distrito, neste momento, apesar da forte tradição agrícola, o distrito tem vindo

² Retirado de <http://www.mun-guarda.pt/index.asp?idedicao=51&idSeccao=576&Action=seccao>, consultado a 20 de agosto de 2012

a registar um aumento na indústria, sendo o principal setor do crescimento o sector têxtil, as indústrias de alimentação e de produtos químico.

A Sequeira, antiga aldeia na periferia da Guarda, atualmente situa-se no perímetro urbano da cidade pertencendo à freguesia de S. Miguel. Na parte antiga da Sequeira são evidentes algumas características de ambiente rural, nomeadamente a criação de animais para a alimentação das famílias e a agricultura de subsistência nos quintais das habitações. Predominam as moradias unifamiliares, em contraste com a zona nova da localidade onde predominam os prédios com vários andares, mas também algumas moradias unifamiliares mais modernas, sendo atualmente uma área dormitório da cidade da Guarda. É nesta freguesia que se localiza o Centro Escolar da Sequeira.

O outeiro de S. Miguel é um lugar da freguesia de Arrifana, uma pequena freguesia periférica da Guarda. Esta freguesia tem cerca de 750 habitantes e uma área de 17 km². São evidentes algumas características de ambiente rural, nomeadamente a criação de animais para alimentação das famílias e a agricultura de subsistência, que se pratica nos quintais das habitações.

2.2 Caracterização das Instituições Escolares

2.2.1. Centro escolar da Sequeira

O Centro Escolar da Sequeira (Figura 2) pertence ao Agrupamento de escolas Carolina Beatriz Ângelo, com sede na escola EB 2/3 Carolina Beatriz Ângelo, situada na urbanização Quinta das Covas. Deste Agrupamento fazem parte outras oito escolas do 1º ciclo do ensino básico, a par com Jardins de Infância e a escola do 2º e 3º ciclos. A maioria dos estabelecimentos de educação, deste Agrupamento, situam-se na zona rural do concelho.



Figura 2 - Centro Escolar da Sequeira

Fonte: http://entrescolasdasequeira.blogspot.pt/2011_11_01_archive.html

A tipologia do edifício é de 12 + 3, sendo 12 salas de 1º ciclo e 3 do pré-escolar. Destas salas uma destina-se às Atividades de Enriquecimento Curricular, outra à Componente de Assistência à Família (CAF) e outra à Representação e Atividades Plásticas, a funcionar na Biblioteca/Centro de Recursos. É um edifício de construção recente. Foi inaugurado em 27 de novembro de 2011.

Relativamente aos espaços comuns existem: um Salão Polivalente, com balneários masculinos e femininos e arrumo de material desportivo, uma cozinha e um refeitório, uma Biblioteca/centro de recursos, um gabinete do pessoal docente e outro do pessoal não docente, um gabinete de atendimento aos Encarregados de Educação, uma sala de lazer, uma sala TIC, uma sala de reuniões, um gabinete de coordenadora de estabelecimento, arrumos de material didático, arrumos de material de limpeza e um polivalente desportivo exterior. Existem ainda ótimas

instalações sanitárias. O centro possui um elevador destinado a facilitar o acesso a crianças e adultos portadores de deficiência motora.

No que diz respeito aos recursos humanos, a escola dispõe de quatro educadoras, doze professores, sendo dois de apoio e uma professora de ensino especial.

A escola dispõe ainda de refeitório, com cozinha, onde podem almoçar alunos, professores e funcionários, mediante o pagamento da respetiva senha.

A Escola no seu exterior dispõe de um campo de jogos e um espaço livre com bancos, baloiços e escorregas.

O aquecimento central das salas e corredores é proporcionado por uma caldeira a gás.

2.2.2. Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

A Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca (Figura 3) foi criada, por alvará, em 1933 na Cerdeira tendo uma parte sido transferida para o Outeiro de S. Miguel em 24 de Maio de 1938, ocasião em que se verificou a divisão entre escola feminina e masculina. O outeiro de S. Miguel acolheu a parte masculina, num pavilhão onde foram construídas salas de aulas.



Figura 3 - Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca, Outeiro de S. Miguel

Fonte: <http://www.outeiroonline.com/site3/>

O aumento da procura por parte dos alunos implicou a remodelação e a ampliação das instalações e o que era, ao longo de muitos anos, uma Escola quase familiar, tomou novo dinamismo e obrigou a uma gestão mais cuidada de recursos humanos e materiais.

Esta escola privada que presta serviços públicos, inicialmente albergou apenas alunos internos. Mais tarde, iniciou o regime de externato e atualmente, os alunos externos constituem a grande maioria da população estudantil.

No presente ano letivo, a escola acolhe alunos que se distribuem entre o pré-escolar e o 3º ciclo do ensino básico (Tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição dos alunos

Nível de ensino	Número de turmas	Número de alunos
Pré-escolar	1	25
1º ciclo	8	181
2º ciclo	5	129
3º ciclo	7	156

Do corpo docente fazem parte uma educadora, oito professores do 1º ciclo do ensino básico e ao serviço dos 2º e 3º ciclos do ensino básico estão cerca de trinta professores, que se distribuem pelas várias áreas disciplinares.

A escola é composta por quatro blocos (tabela 2).

Tabela 2 - Organização da escola

Bloco A	Bloco B	Bloco C	Bloco D
Serviços administrativos; oito salas de aula; sala de professores; laboratório de Ciências da Natureza; laboratório de Física e Química; papelaria e reprografia	Sala de professores; sala de reuniões; biblioteca; dezanove salas de aula; sala de informática; instalações do pré-escolar com uma sala de informática; átrio coberto.	Serviços diretivos; serviços de psicologia; segurança social; duas salas de aula; sala de educação tecnológica; sala de audiovisuais e auditório um e dois.	Cozinhas; refeitório para alunos, funcionários e professores e igreja.

Os espaços comuns são constituídos por um salão Polivalente, com balneários masculinos e femininos e arrumo de material desportivo, jardins exteriores e um campo de jogos.

A escola possui também um elevador, localizado no bloco D, destinado a facilitar o acesso a crianças e adultos portadores de deficiência motora.

O aquecimento é garantido por uma central de aquecimento de águas, através de radiadores distribuídos por toda a escola.

2.3 Caracterização das turmas

2.3.1. Turma do 4º ano

O 4º B é uma turma constituída por onze rapazes e seis raparigas. É uma turma homogénea no que diz respeito ao meio social. As duas alunas de etnia cigana estão perfeitamente inseridas na turma.

No que concerne ao desenvolvimento curricular, a turma apresenta níveis de conhecimento muito díspares, pois temos alunos com conhecimentos bem consolidados, ao mesmo tempo que temos alunos com muitas dificuldades em diferentes áreas.

Na turma há um aluno com necessidades educativas especiais. Este recebe o apoio da professora de ensino especial, Dr. Ana Isabel, à terça e à quinta - feira durante a manhã.

O apoio pedagógico é frequentado por três alunos. Um deles raramente está presente nas aulas, o que tem como consequência dificuldades acrescidas e alguma rejeição por parte da turma.

Existem ainda três alunas com planos de recuperação.

Os alunos com mais dificuldades estão colocados em locais estratégicos da sala de maneira a que a professora titular da turma Fernanda Cosme consiga acompanhá-los mais de perto (Figura 4).

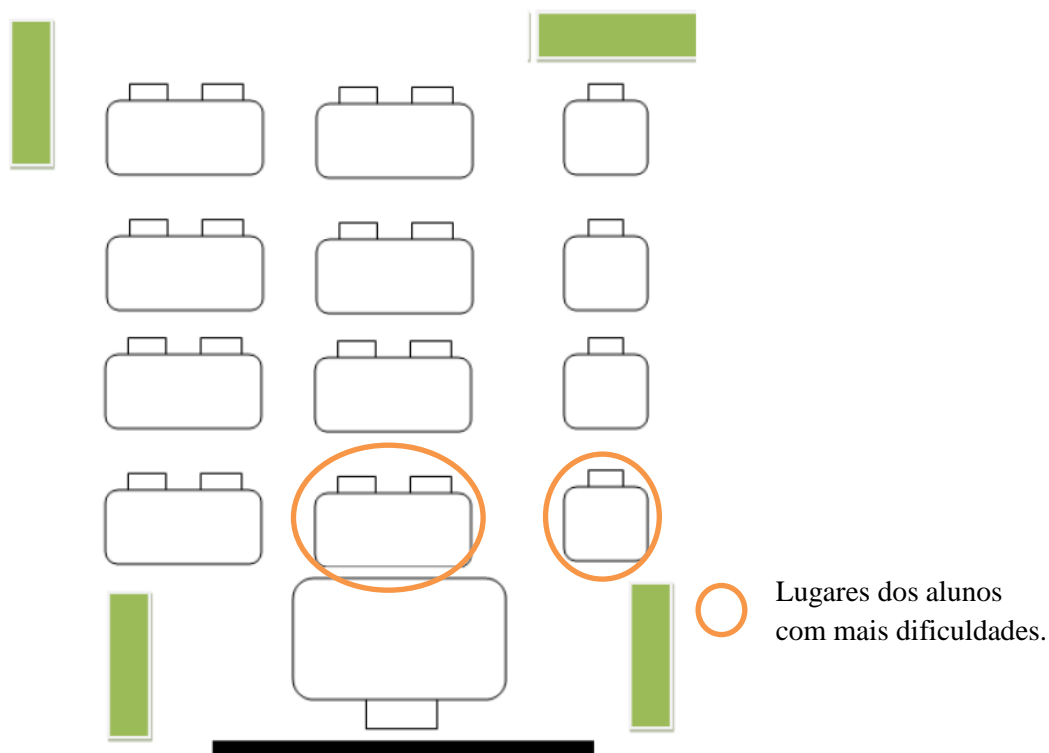


Figura 4 - Organização da sala de aula

No que concerne à distribuição horária pelas diferentes áreas disciplinares, os alunos durante a semana têm doze horas de Língua Portuguesa e de Matemática, seis horas de Estudo do Meio e quarenta e cinco diários dedicados às expressões ou Estudo Acompanhado ou Formação Cívica. As três aulas de Educação Sexual foram inseridas no horário de Formação cívica (Tabela 3).

Depois das dezasseis horas os alunos têm áreas extra curriculares disponibilizadas pelo Centro Escolar.

Tabela 3 - Horário

Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
09h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Matemática	Língua Portuguesa
10h30m	Intervalo				
10h50m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Estudo do Meio
12h00m	Almoço				
14h00m	Estudo do meio	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
15h00m	Intervalo				
15h15m	Expressão Musical	Estudo Acompanhado	Área projeto/ Formação Cívica	Expressão Físico-Motora	Expressão Plástica
16h00m	Intervalo				
16h10m 16h55m	AFD	ESTUDO	INGLÊS	TIC	MÚSICA
17h05m 17h50m	AFD	ESTUDO	INGLÊS	TIC	MÚSICA

Em termos gerais, nesta turma, os alunos revelam de modo generalizado falta de estudo, inclusive os alunos cujos pais possuem habilitações de nível superior. A estudar todos os dias, o que não implica só a realização de trabalhos de casa, existem apenas quatro alunos.

O meio socioeconómico é diversificado e as habilitações literárias dos encarregados de educação são igualmente variadas, predominando o ensino básico. Há também pais, dos quais não conhecemos as habilitações literárias, pois não preencheram os formulários de caracterização do agregado familiar.

Há que referir ainda que as dificuldades económicas disfarçadas são uma constante nesta escola e devem ser geridas com equilíbrio e sensatez, já que existem muitos pais

desempregados, sendo um número que tende a aumentar, pois existem fábricas e outros serviços em crise devido à conjuntura económica nacional e local, no caso, o encerramento da Delphi.

Os locais de estudo dos alunos são diversificados (gráfico 1 – em termos absolutos). Apesar da maior parte dos alunos fazer o trabalho de casa com os pais, durante o estágio podemos verificar que muitos alunos não faziam os trabalhos de casa. A grande maioria dos alunos que fazem os trabalhos de casa têm o acompanhamento das suas mães na realização dos trabalhos de casa. Sobre o acompanhamento dos trabalhos de casa, Elaine Nascimento (2012:8) afirma que “a aprendizagem e o comportamento dos alunos em muito são influenciados pela educação familiar. O não acompanhamento familiar ocasiona nos alunos um sentimento de rejeição que se reflete no seu desempenho escolar”, daí os alunos devem interiorizar que os seus pais valorizam o seu trabalho escolar.

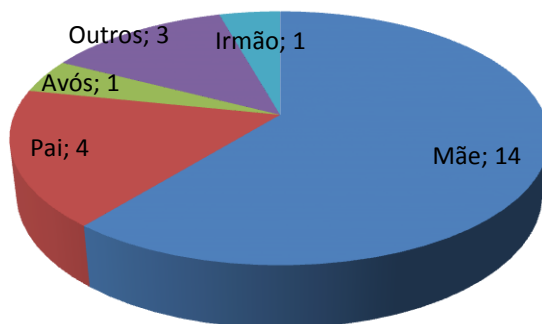


Gráfico 1 - Acompanhamento nos trabalhos de casa

A ocupação dos tempos livres é diversificada (gráfico 2 – em termos absolutos). Na sua maioria preferem ver televisão e brincar, nomeadamente no computador, descuidando a leitura e outras atividades igualmente enriquecedoras.

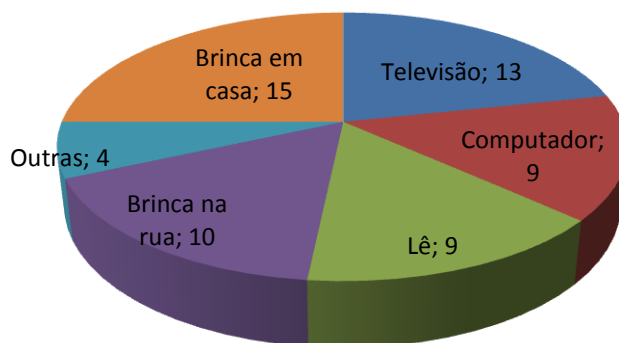


Gráfico 2 - Ocupação dos tempos livres

Nesta turma a maior parte dos alunos possui computador e internet (gráfico 3 – em termos absolutos).

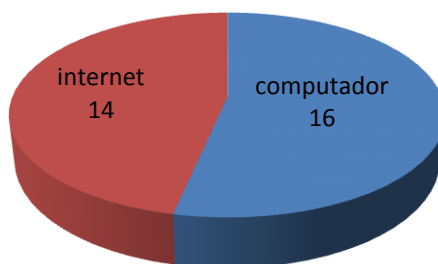


Gráfico 3 - Possui computador e internet

No que concerne aos locais de estudo os alunos encontram-se dispersos. A sua maioria define como o seu local de estudo o A.T.L e em casa com os Pais (gráfico 4 – em termos absolutos).

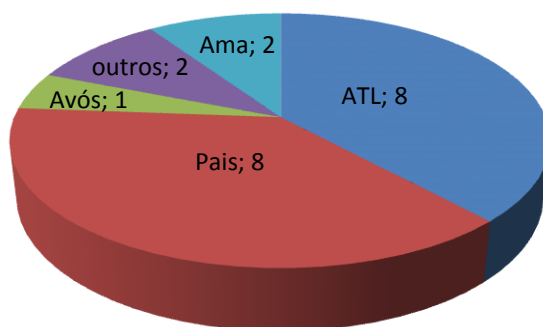


Gráfico 4 - Local de estudo

2.3.2. As turmas do 2º Ciclo

A prática de Ensino Supervisionado II decorreu em duas turmas do 5º ano (B e C) e uma do 6º ano (B).

A turma do 5º B é composta por 24 alunos, dos quais 9 são raparigas e 15 são rapazes (gráfico 5). As suas idades estão compreendidas entre os 9 e 11 anos.

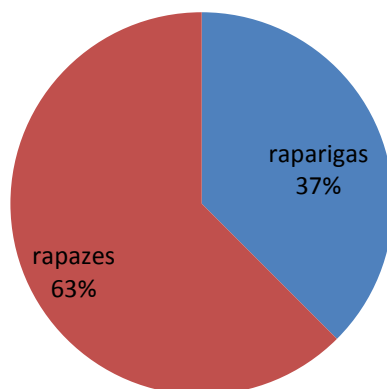


Gráfico 5 - Distribuição dos alunos por sexo

A escola presta o serviço de transporte aos alunos, mas a maior parte destes, 68% respetivamente, deslocam-se de automóvel (gráfico 6). Os restantes alunos, 32%, usufruem do serviço de transporte prestado pela escola.

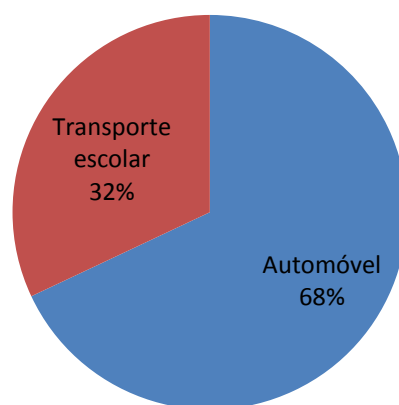


Gráfico 6 - Forma como os alunos se deslocam para a escola

No que concerne ao papel do encarregado de educação, este é desempenhado na sua maioria, pela mãe. Dos restantes alunos, 13% tem como encarregado de educação o pai e só 4% ou seja um aluno, deu como resposta “outro” (gráfico 7).

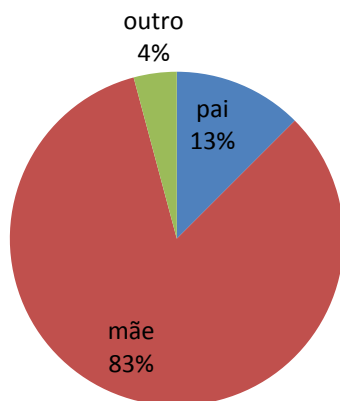


Gráfico 7 - Encarregado de Educação

Os tempos livres são ocupados de diferentes formas pelos alunos. As atividades mais praticadas são jogar playstation, ver televisão e andar de bicicleta, seguidas imediatamente de ouvir música, passear e ir ao cinema. Foram ainda referidas a prática de natação e conviver com amigos (gráfico 8).

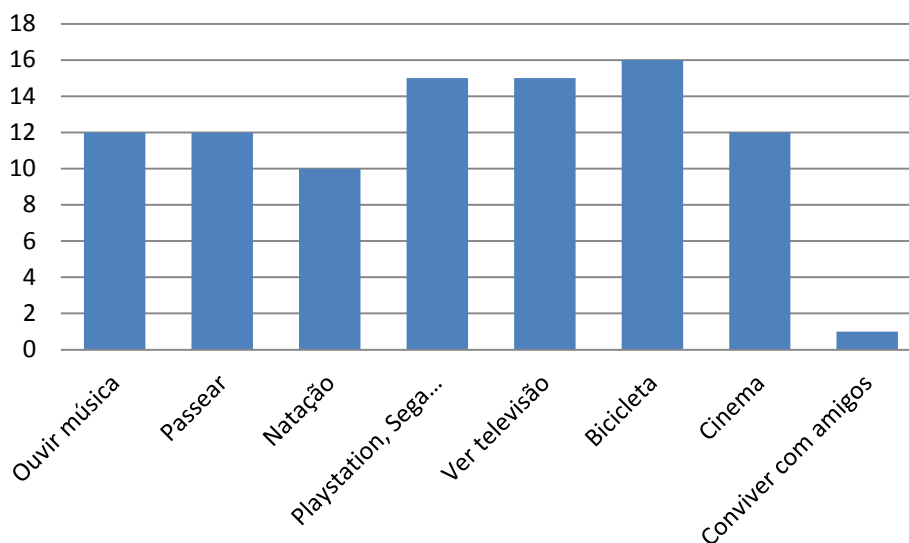


Gráfico 8- Atividades de tempos livres

No que diz respeito ao aproveitamento, o 5º C é uma turma bastante homogénea, composta por alunos interessados, bastante atentos e recetivos às aprendizagens.

É ainda de salientar que esta turma tem uma aluna repete, que se faz acompanhar de um respetivo plano de recuperação.

Estes alunos têm, na escola, uma participação ativa nas diversas atividades extra curriculares, como o clube de leitura, clube de informática, clube de pintura, clube de música e atividades desportivas.

No início do ano foram definidos, pela estagiária, dez objetivos gerais a desenvolver e que todos conhecem. Assim, passamos a elencá-los:

1 – Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano.

2 – Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar.

3 – Usar corretamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio.

4 – Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação.

5 – Adotar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objetivos visados.

6 – Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável.

7 – Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões.

8 – Realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa.

9 – Cooperar com outros em tarefas e projetos comuns.

10 – Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspetiva pessoal e interpessoal.

A turma do 5ºB é composta por 22 alunos, dos quais 6 são raparigas e 16 são rapazes. As suas idades estão compreendidas entre os 9 e os 11 anos.

A análise das respostas obtidas num inquérito aplicado no início do ano permitiu-nos obter informações fundamentais para a caracterização deste grupo de alunos.

O papel de encarregado de educação é assumido na sua maioria pelas mães, representam 80% (gráfico 9).

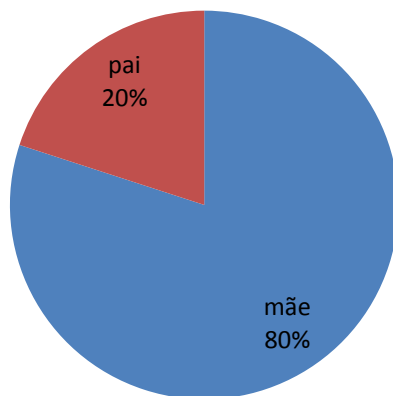


Gráfico 9 - Encarregados de Educação

No que concerne às habilitações literárias dos pais, constatamos que as mães apresentam um nível de escolarização superior aos pais (gráfico 10).

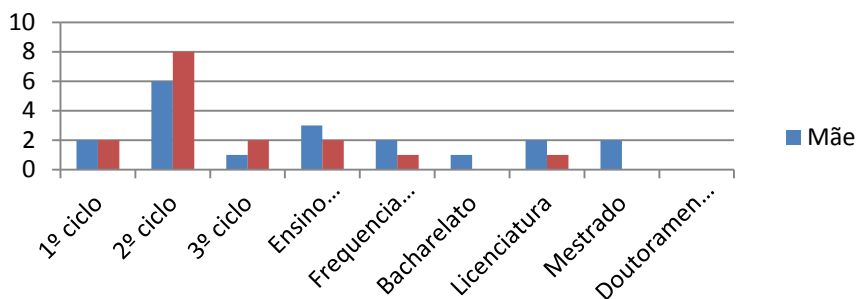


Gráfico 10 - Habilitações dos pais

No que diz respeito à forma de deslocação, a maior parte dos alunos, 47% respetivamente, chega à escola de carro e 40% de autocarro. Os restantes alunos são internos, logo não necessitam de transporte (gráfico 11).

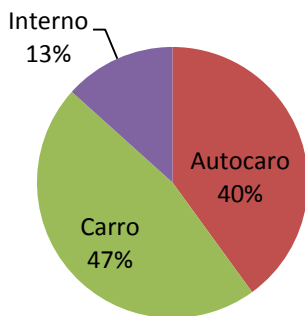


Gráfico 11- Meio de transporte

Apesar dos resultados escolares desta turma não serem os melhores, a maior parte dos alunos, 73% concretamente, afirma ter ajuda para estudar como se pode verificar no gráfico 12, 18% não respondeu e apenas 9% dos alunos referiram não ter apoio no estudo.

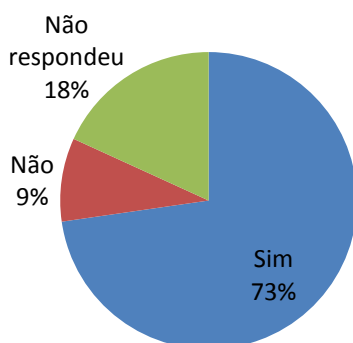


Gráfico 12 - Apoio ao estudo

No mesmo inquérito, foi também questionado o modo de trabalho a que os alunos estão habituados. Perante as respostas obtidas, conclui-se que 46% trabalha sozinho, 45% trabalha em grupo e 9% não respondeu (gráfico 13).

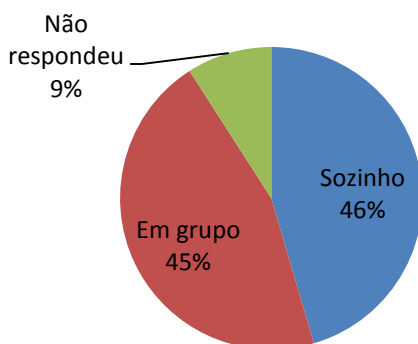


Gráfico 13 - Modo de trabalho

Ao analisar as respostas obtidas relativamente à ocupação dos tempos livres, é possível verificar que os alunos diversificaram as suas respostas. Algumas das atividades referidas como as mais praticadas foram: ouvir música, ver televisão, praticar desporto, ler, estar com os amigos, jogar computador, pesquisar na internet e ajudar os pais.

As atividades que assumem menor importância na ocupação dos tempos livres são: ir ao cinema, ir à discoteca, estar só, andar de bicicleta, jogar consola, brincar e estudar (gráfico 14).

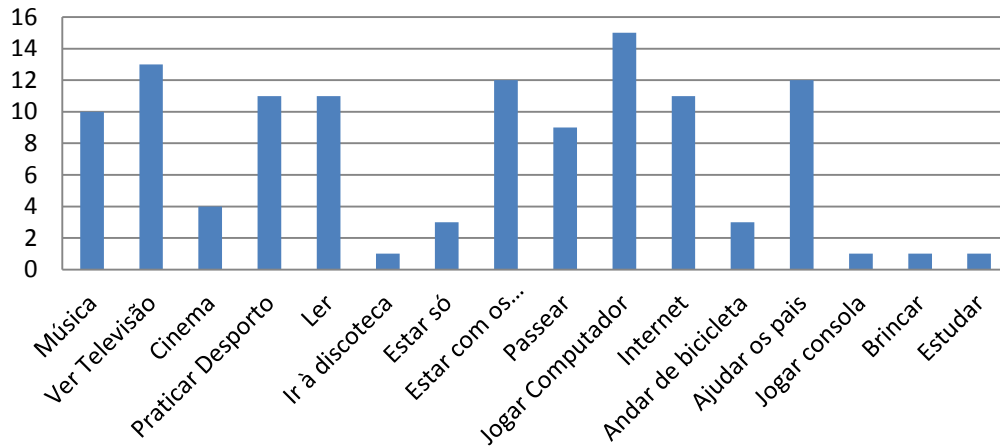


Gráfico 14 - Ocupação dos tempos livres

A turma do 6ºB é uma turma que no presente ano letivo sofreu grandes alterações na sua constituição, foi incrementada em mais onze alunos. A sua distribuição, de acordo com o sexo, está equilibrada, existindo treze raparigas e dezasseis rapazes (gráfico 15).

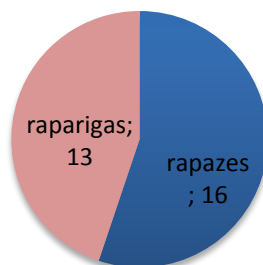


Gráfico 15 – Distribuição dos alunos por sexo

A idade da maior parte dos alunos é de onze anos, existindo apenas dois alunos que ultrapassam essa idade, um com doze e o outro com treze anos, respetivamente.

As habilitações literárias dos pais são bastante diferenciadas, tal como podemos verificar no gráfico 16. Todos eles são alfabetizados e a maioria situa-se entre o 2º ciclo e o 3º ciclo, em que as habilitações dos pais são superiores às das mães. Ao nível do ensino superior verifica-se precisamente o contrário, as mães possuem habilitações superiores às dos pais.

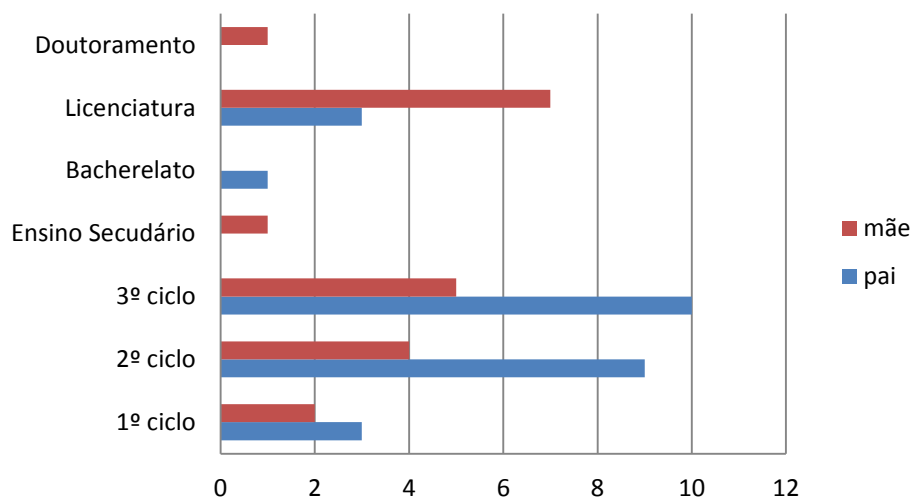


Gráfico 16 - Habilitações literárias dos pais

O comportamento desta turma é instável, o que se reflete nos resultados escolares obtidos. Muitos dos alunos são bastante barulhentos e chegam mesmo a ser conflituosos entre si, especialmente com um elemento, que integrou a turma apenas este ano. Este aluno tem uma personalidade especial e os colegas dificultaram bastante o seu processo de integração.

Em termos gerais, esta é uma turma que revela falta de interesse e dedicação, sendo por isso, muito complicado motivá-los.

No que concerne aos alunos com necessidades educativas especiais, existem dois grupos distintos: dois alunos avaliados ao abrigo do decreto de lei nº 3/2008 de 7 de janeiro e cinco alunos avaliados ao abrigo do despacho normativo nº 50/2005 de 9 de novembro, todos eles com planos de recuperação. É ainda de referir que estes alunos possuem dislexia e disgrafia ou disortografia, o que se verifica diariamente nos trabalhos realizados e nos diversos momentos de avaliação.

Capítulo II

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

(Paulo Freire)

3 Descrição do Processo de Prática de Ensino Supervisionada

A PES constitui uma etapa fundamental para o desenvolvimento profissional, pois permite a aplicação em contexto escolar dos conhecimentos teóricos adquiridos.

A PES nos dois ciclos de ensino passou por quatro etapas interligadas. Começou-se pela observação de aulas dos professores cooperantes. Findo este período que decorreu durante duas semanas passamos à planificação, à intervenção e à avaliação.

Nos dois ciclos tivemos oportunidade de construir instrumentos de avaliação, nomeadamente fichas e grelhas de avaliação. Assim, foi possível aferir sobre a aquisição dos conhecimentos e da evolução das aprendizagens.

Neste segundo capítulo é realizada uma síntese das diversas atividades que foram realizadas na prática de ensino supervisionada, quer no primeiro ciclo, quer no segundo ciclo.

No decorrer da prática pedagógica refletiu-se muitas vezes sobre o processo de ensinar. Há que tomar decisões sobre como os conteúdos devem ser lecionados. As situações de ensino aprendizagem que vivenciamos constituíram aprendizagens significativas, sabendo-se que este processo de crescimento profissional irá/ deverá ocorrer ao longo de toda a vida

Uma das preocupações ao longo do estágio prendeu-se com a necessidade de colmatar as dúvidas colocadas pelos alunos. Para tal, recorreu-se a estratégias didáticas diversificadas que proporcionaram a produção de aprendizagens. De acordo com Noberto Boggino (2009:8) “A construção de conhecimentos gera a necessidade de que a escola garanta a continuidade do processo de aprendizagem até à sua concetualização. Ainda que o processo de aprendizagem não seja linear, deve ser sistemático. O aluno vai traçando um caminho sinuoso e repleto de contradições, erros e conflitos. Mas é precisamente este espaço de dúvidas e incertezas que permite avaliar as suas produções, sejam ou não realizadas de forma correta, e identificar os erros ou conhecimentos didáticos que facilitem as intervenções do docente e a produção de aprendizagens genuínas”.

Ao longo dos dezoito dias de estágio no 1º ciclo e cerca de cinquenta dias de estágio no 2º ciclo, é de salientar as muitas barreiras que tiveram de ser ultrapassadas, como a indisciplina e a falta de interesse dos alunos que foram superadas com estratégias sempre inovadoras e com muitos momentos de retroação, proporcionando assim, momentos de sistematização das aprendizagens.

A este propósito, Lourenço e Paiva (2010:2), citando Alcará e Guimarães (2007:56) defendem que “O aluno motivado procura novos conhecimentos e oportunidades, evidenciando envolvimento com o processo de aprendizagem, participa nas tarefas com entusiasmo e revela disposição para novos desafios”.

Os estágios curriculares realizados no âmbito do Mestrado no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino do 2º Ciclo do Ensino Básico encontram-se enquadrados no Decreto – Lei 43/2007 de 22 de fevereiro, e destacam a continuidade do acompanhamento dos alunos durante mais tempo, integrada na formação bipolar que este Mestrado alberga, beneficiando uma formação para diferentes ciclos de ensino, ou seja, “...uma maior abrangência de níveis e ciclos de ensino a fim de tornar possível a mobilidade dos docentes entre os mesmos. Esta permite o acompanhamento dos alunos pelos mesmos professores por um período de tempo mais alargado...”

Este mesmo decreto de lei realça a colaboração de professores cooperantes e supervisores para a realização do estágio curricular e de escolas que acolham os estagiários. Sem este auxílio indispensável, não seria possível a realização dos estágios.

Assim, foi iniciada a prática ao ensino supervisionado no 1º ciclo no dia 20 de outubro de 2011, no Centro Escolar da Sequeira, com a professora cooperante Fernanda Cosme e as professoras supervisoras Elisabete Brito e Eduarda Ferreira.

O segundo estágio foi iniciado a 27 de fevereiro de 2012 na Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca, onde foram lecionadas as seguintes áreas: português, sob a orientação da professora cooperante Tânia Costa e da professora supervisora Elisabete Brito, matemática, sob a orientação da professora cooperante Ana Castro e do professor supervisor Pedro Tadeu, ciências da natureza, sob a orientação da professora cooperante Graciete Dâmaso e da professora supervisora Eduarda Ferreira e história e geografia de Portugal, sob a orientação da professora cooperante Georgete Pereira e da professora supervisora Ana Lopes.

2.1. O 1º Ciclo do Ensino Básico

A Prática do Ensino Supervisionado no 1ºCEB, foi realizada na turma B do 4º ano do Centro Escolar de Sequeira entre 24 de Outubro de 2011 e 24 de janeiro de 2012.

Ao longo da primeira semana de estágio a participação foi apenas periódica, pois o importante nesta fase foi a observação das aulas. A observação das aulas foi extremamente importante, para a prática pedagógica, pois foi possível testemunhar várias situações de ensino e aprendizagem. Segundo Pedro Reis (2011:13) “a observação desempenha um papel fundamental na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem”.

Também devemos realçar a importância das planificações, que com antecedência permitem-nos programar os conteúdos, atividades e objetivos a cumprir em cada aula. “Sempre que se inicia um empreendimento mais ou menos complexo, tendo em vista alcançar determinadas metas, torna-se importante fazer uma previsão da ação a ser realizada. Esta previsão servirá como orientação à prática/ação” (Alcino Simões (1996:1).

Toda a prática de ensino supervisionada foi realizada de maneira a proporcionar aos alunos aprendizagens significativas, pois só assim o conhecimento pode ser adquirido de uma forma segura. Esta ideia é realçada nas Orientações Curriculares para o 1º ciclo, (2004:13), onde é salientado que: “as aprendizagens constroem-se significativamente quando estiverem adaptadas ao processo de desenvolvimento de cada criança. Só assim o percurso escolar poderá conduzir a novas e estáveis aprendizagens.”

De seguida caracterizamos as áreas da organização curricular e programas.

a) Área de Estudo do Meio

Todos os dias foi lecionada esta área. Dos diferentes conteúdos salientamos a abordagem do “ciclo da água” (apêndice 1) através de um *powerpoint* (apêndice 2) construído só com imagens, fazendo-se assim a introdução/ motivação do conteúdo. De seguida os alunos foram informados de que iriam fazer experiências. Realizaram-se duas experiências. Previamente foi fornecida uma ficha para registo das conceções prévias sobre o que esperavam que iria acontecer. Fez-se a descrição da experiência, os alunos observaram e retiraram as conclusões (apêndice 3 e 4). Foi o silêncio! Concluímos que as atividades eram muito motivadoras para estes alunos e verdadeiramente significativas para a aprendizagem dos conteúdos abordados.

No Currículo Nacional do ensino Básico – Competências Essenciais é salientado que: “Realizar atividade experimental e ter oportunidade de usar diferentes instrumentos de

observação e medida. No 1º ciclo começar com experiências simples a partir de curiosidade ou questões que preocupem os alunos.”

O objetivo principal destas atividades foi experienciar os fenómenos de evaporação e solidificação, fenómenos estes muito importantes neste ciclo de ensino, em que a curiosidade dos alunos deve ser potenciada, através de atividades práticas que os despertem e cativem para aprendizagem destes conteúdos, proporcionando assim aprendizagens significativas.

Os alunos mostraram-se sempre muito interessados e participativos. Por exemplo, na experiência da solidificação, o facto de tocarem no gelo, foi uma situação de descoberta.

b) Português

No que concerne à área de língua Portuguesa, e procurando proporcionar aos alunos uma aprendizagem diversificada, por diversas vezes foram procurados diferentes suportes de leitura, libertando assim do manual. Assim podemos analisar textos da internet, de outros livros e de jornais sugeridos pelos alunos. Esta é uma ideia salientada nas orientações Curriculares para o 1º Ciclo, pag. 23 onde é mencionado que: “ As aprendizagens diversificadas apontam para a vantagem, largamente conhecida, da utilização de recursos variados que permitam uma pluralidade de enfoques dos conteúdos abordados. Variar os materiais, as técnicas e processos de desenvolvimento de um conteúdo, são condições que se associam a igual necessidade de diversificar as modalidades do trabalho escolar e as formas de comunicação e de troca dos conhecimentos adquiridos.”

Para a consolidação do conteúdo ” sinais de pontuação” (apêndice 5), no que concerne à sua exposição foi projetado um *powerpoint*, (apêndice 6) onde os sinais de pontuação, em sentido figurado, assumiam uma personagem explicando assim o seu significado.

Nem sempre os alunos estão despertos para a leitura, pois muitas vezes não conseguem interpretar os textos. Nesta interpretação é realçada a utilização dos sinais de pontuação, se não bem entoados podem mudar completamente o sentido do texto. Por isso, nesta aula, os alunos tiveram a oportunidade de ler e interpretar diferentes períodos de um texto sobre os sinais de pontuação.

No decorrer desta aula, os alunos mostraram-se muito motivados e repetindo os sons dos sinais de pontuação, acabando assim por compreender e responder corretamente às questões que eram colocadas.

c) Área da Matemática

No que diz respeito à matemática (apêndice 7), é de salientar as atividades realizadas com os novos conteúdos introduzidos no presente ano letivo: o pictograma e o diagrama de caule-e-folhas (figura 5 e 6). A utilização do quadro interativo para consolidar estes conteúdos, mostrou, na avaliação final, ter sido uma boa opção.



Figura 5 - Diagrama de Caule e folha



Figura 6 - Pictograma

Como ainda não existia muita informação no manual sobre estes dois conteúdos, foi realizada uma pesquisa exaustiva com o objetivo de encontrar material que facilitasse a aprendizagem destes conteúdos.

Enquanto os alunos experienciavam o novo conteúdo, foi feito um registo contínuo das informações no diagrama de caule-e-folha e no pictograma, para que nada ficasse esquecido. À medida que iam fazendo os registos, os alunos colocavam questões pertinentes.

d) Área das expressões

A preparação para a festa de natal permitiu interligar as três expressões que estão previstas no currículo escolar da escola: a música (apêndice 8), a expressão plástica (apêndice 9), a expressão físico-motora (apêndice 10) e a expressão dramática (apêndice 11). Assim, ao longo dos meses de novembro e dezembro foi composto um musical intitulado de “O Pinheirinho de Natal” (apêndice 12), onde foram desenvolvidas personagens e músicas para todos os alunos da turma.

Foi um trabalho que esteve em construção até ao dia de apresentação final. Até esse dia as tarefas foram divididas entre a elaboração de cenários, que foram concretizados com materiais

reciclados, o ensaio das músicas e a preparação da representação das diversas personagens. O resultado final foi: tudo correu bem! A turma mostrou-se sempre muito feliz e percebeu-se que tinha compreendido o moral da peça, que tinham representado. Por isso, foi interessante vê-los a expor, aos pais, todos os acontecimentos.



Figura 7 - Festa de Natal
Fonte própria



Figura 8 - Festa de Natal
Fonte própria

A opção de juntar as várias expressões foi uma ideia que cresceu com a professora cooperante Fernanda Cosme, pois tendo em conta que estávamos num quarto ano e a turma apresentava acrescidas dificuldades, esta foi uma opção, para que outras áreas de estudo não fossem descontinuadas.

No decorrer deste estágio no 1º CEB foi possível acompanhar um aluno com dificuldades na leitura. Foi uma oportunidade de aprendizagem. A pesquisa sobre como ultrapassar as dificuldades na transferência da oralidade para a escrita na produção de textos foi enriquecedora. Carvalho (2001:45) menciona que “a escrita constitui uma importante ferramenta de aprendizagem, podendo desempenhar um papel de relevo nos processos de aquisição, estruturação e expressão de conhecimento. A posse de competências de escrita pode estar associada ao sucesso na escola, já que grande parte da comunicação que aí tem lugar assenta em suporte escrito. Muito do insucesso dos alunos não decorrerá tanto da falta de conhecimentos, mas antes da incapacidade de os verbalizar por escrito.”

2.2. O 2º Ciclo do Ensino Básico

A experiência de Prática do Ensino Supervisionado no 2º CEB, foi realizada com duas turmas de 5º ano (A e B) e uma do 6º ano (B) na Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca.

Este foi um desafio maior, pois o nível de exigência também foi mais acrescido, mas tal como no estágio realizado no 1º ciclo, houve um esforço contínuo.

i) Português

No decorrer das aulas de Português tendo em conta os conselhos da professora cooperante, foi decidido manter o ritmo das aulas de uma forma já conhecida pelos alunos.

Assim sendo, iniciava-se as aulas com o registo do sumário, correção dos trabalhos de casa e posteriormente era analisado um texto dramático.

Apesar de existir uma certa rotina, aos poucos foram introduzidas novas estratégias para despertar o interesse dos alunos, como por exemplo, a audição dos textos interpretados, pequenas dramatizações e alguns momentos de discussão sobre o moral das histórias.

É importante referir que esta turma, mostra interesse pela leitura, o que nem sempre é visível neste ciclo de ensino e em ciclos superiores.

No que concerne ao gosto pela leitura, salienta-se as palavras de José Matias (2007:1) que afirma ser “preciso, motivar o aluno à leitura lendo alguns excertos interessantes, que ele possa compreender bem e possa concluir acerca do interesse da leitura de certos temas. O prazer vem por acréscimo”.

Muitas vezes, o mais difícil é levar o aluno a criar determinados hábitos diários, nomeadamente o da leitura, em determinados momentos do dia. Evidentemente que sabemos que o aluno já tem os livros das disciplinas para ler, o que pode parecer ser uma sobrecarga diária.”

No caso do 5º B, eles são constantemente motivados à leitura. No decorrer das aulas é perceptível a “corrida” à biblioteca de turma, onde os alunos se dirigem nos momentos mais parados, como por exemplo, quando acabam a realização de um teste, acabando mesmo por levar os livros para casa e trocar informações sobre as suas leituras.

Ao nível das estratégias a utilizar em contexto sala de aula procuramos diversificar. Podemos usufruir de meios audiovisuais, nomeadamente *powerpoints* e na audição e exploração de textos diversos. Apesar dos meios didáticos diversificados a sua utilização nem sempre foi

conseguida. A gestão do tempo também se revelou difícil muitas vezes porque se planeava a mais e não havia tempo para lecionar tudo.

A aula que é salientada prende-se com a introdução ao texto dramático (apêndice 13) que foi realizada com o recurso ao *powerpoint* (apêndice 14), com as noções básicas deste tipo de texto.

Foi um percurso difícil, a lecionação desta área. As dificuldades foram diversas. As lacunas no conhecimento aprofundado dos conteúdos foi sempre um motivo para autoformação e motivação imensa para melhorar.

ii) História e Geografia de Portugal

Após as observações foi possível perceber que tinha de ser aplicada uma estratégia que exigisse trabalho contínuo no que concerne à avaliação de conteúdos, pois o 6ºB era uma turma sem motivação e despreocupada com a aprendizagem. Também é de salientar que cedo foi perceptível estar perante uma turma com um comportamento inadequado à sala de aula, com participações desorganizadas.

Branca Santos citando Estrela (1992:87) afirma que “o poder central da indisciplina poderá ser consideravelmente reduzido se ajudarmos os professores a tornarem-se organizadores mais eficazes da aula”.

Assim foram definidas duas estratégias que se aplicaram em todo o estágio. No final de cada aula era colocada uma questão aula, ou seja, uma questão que sintetizava os conteúdos lecionados. Posteriormente era corrigida e avaliada. O somatório constituiu um parâmetro da avaliação dos alunos.

A segunda estratégia foi não relevar as intervenções dos alunos que não eram devidamente autorizadas.

O sucesso não foi garantido logo nas primeiras aulas, mas quando os alunos se aperceberam que seria assim até ao fim do período, acabaram por aceitar, e as aulas passaram a decorrer de uma forma melhor.

O impacto, destas estratégias, não foi significativo. Só nas primeiras aulas, quando os alunos se aperceberam que seria assim até ao fim do período, acabaram por aceitar, e as aulas passaram a decorrer com maior normalidade.

É de salientar a aula em que foram lecionados os conteúdos referentes ao 25 de abril (apêndice 15). Através da exploração de algumas imagens foi possível manter a turma atenta e interessada.

Todos os aspetos foram pensados. Quando os alunos entraram na sala, esta já estava devidamente preparada. Tinha sido colocado papel de cenário para a projeção. O quadro ficava com uma parte livre para o registo.

À medida que os alunos visualizavam o *power point* (apêndice 16) era feito o levantamento das suas conceções. Foi uma aula dinâmica e os alunos mostraram-se muito participativos e interessados.

iii) Matemática

Foi a primeira área lecionada. A turma apresentava um comportamento perturbador, constituindo um desafio durante as nove regências.

Um dos conteúdos lecionado foi as “frações” (apêndice 17). Foram utilizados vários materiais, para tornar este conteúdo mais atrativo.

Após o registo do sumário foi explicada oralmente a divisão de um chocolate em duas partes e depois em quatro partes. O registo no quadro foi sob a forma de representação gráfica e de fração. Para dar outros exemplos, foi referido o litro e a sua divisão em meio litro e um quarto de litro, esquematizando os exemplos no quadro. Pretendia-se que os alunos tivessem acesso a exemplos diversificados sobre as divisões.

Para expor este conteúdo, foram mencionados os exemplos do litro de leite e do chocolate, porque é um exemplo que liga os alunos ao quotidiano, permitindo assim uma aprendizagem significativa. Sobre isto, Pelizzari et al (2002:2) defende que “a aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.”

Na segunda parte da aula, foi distribuída uma tira de papel (metade de uma A4 dividida horizontalmente) para que os alunos a dividissem em duas e depois em quatro partes iguais e registassem em forma de fração, pintassem cada representação da fração ($1/2$ e $1/4$) e identificassem os termos de uma fração. Com este exercício os alunos perceberam com se efetua uma divisão no quotidiano.

Em conformidade com todas as aulas, como forma de consolidação, foi entregue uma ficha de trabalho (apêndice 18) a cada aluno, para que resolvessem os exercícios e fossem esclarecidas possíveis dúvidas.

As aulas tiveram sempre três momentos essenciais: descrição do tema a abordar, exemplificação e explicação e por fim a consolidação, normalmente efetuada com o recurso a uma ficha formativa e informativa.

iv) Ciências da Natureza

Face às características do 5º C as aulas de ciências da natureza tinham que ser mais práticas e motivadoras. A turma tinha uma grande percentagem de alunos distraídos e até desinteressados.

O CNEB – Competências Essenciais, (2007:133) salienta que “Para os conhecimentos científicos serem compreendidos pelos alunos em estreita relação com a realidade que os rodeia, considera-se fundamental a vivência de experiências de aprendizagem como recolher e organizar material, classificando-o por categorias ou temas.”

E tendo em conta este objetivo do CNEB, de aproximar as aulas de ciências da natureza da realidade, foram realizadas duas aulas teórico-práticas, uma sobre a constituição da folha e outra sobre a constituição da flor.

No que concerne à aula em que foi lecionado o conteúdo da constituição da flor (apêndice 19), após o registo do sumário, foi explicado aos alunos que a aula iria ser prática e por isso era exigido alguns cuidados.

Todos os alunos tinham uma flor e uma folha branca. Todos fizeram a decomposição da flor (figura 9).

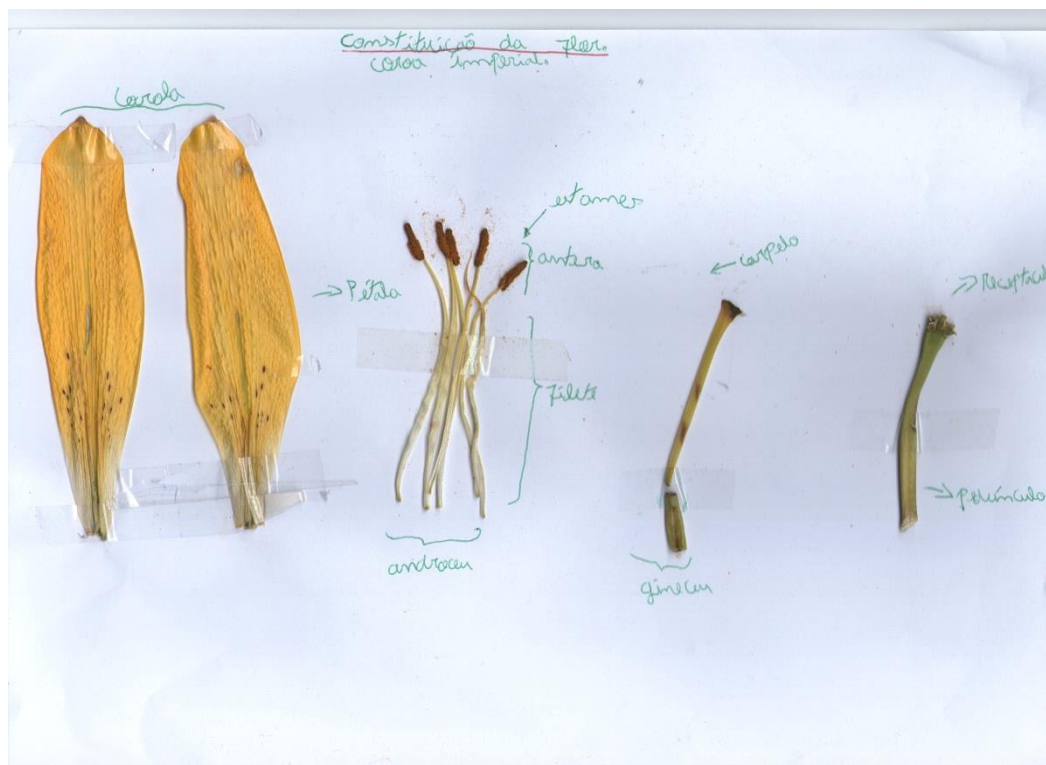


Figura 9 - Trabalho de um aluno da decomposição da flor.

À medida que se ia decompondo a flor, os alunos eram questionados sobre o nome das diferentes partes e as suas funções.

No decorrer desta atividade os alunos mostraram-se irrequietos e com falta de autonomia, tendo-se que parar bastantes vezes para que todos os alunos acompanhassem corretamente a atividade.

As aulas que incluem atividades práticas são muito importantes, principalmente quando se aborda conteúdos das ciências da natureza, até para consolidarmos um conteúdo. A este respeito, Semedo (2009:18) defende que “as aulas de 90 minutos têm o objetivo de incentivar a alteração das práticas docentes, de forma a induzir o desenvolvimento de atividades práticas e de consolidação de conhecimentos, deixando para trás as aulas expositivas e mecanizadas, em que os alunos se limitavam a ouvir e a reproduzir o que o professor dizia na aula.”

Apesar do comportamento irrequieto, os alunos referiram gostar da aula e 90% da turma pediram mais aulas práticas.

Capítulo III

“Diz-me eu esquecerei. . .

Ensina-me eu lembrar-me-ei. . .

Envolve-me e eu aprenderei. . .”

(autor desconhecido)

4. Educação sexual no 1º CEB: Experiência pedagógico-didática

4.1 Enquadramento teórico

O que é ensinar? Será que só é transmissão dos conteúdos das áreas curriculares?

Os alunos devem aprender na escola os conhecimentos científicos mas a escola também é um local privilegiado para adquirir atitudes e valores, nomeadamente que capacitem para comportamentos de saúde que lhe permitirão alcançar não só melhor saúde física, como mental e social.

Mas, a mudança comportamental para ocorrer tem condicionantes. A literacia para a saúde é um desses fatores determinantes.

Qualquer ação no sentido de trabalhar hábitos de saúde e estilos de vida saudáveis, implica uma mudança individual, cultural, social e comunitária. Muitas vezes só trabalhamos o aspeto individual e ficamos à espera que haja uma resposta positiva da pessoa, o que raramente acontece.

Mas, para que haja mudança de comportamento é necessário que haja aprendizagem, daí ser “fundamental capacitar as pessoas para aprenderem durante toda a vida, preparando-se para todos os estádios do seu desenvolvimento e para lutarem contra as doenças crónicas e incapacidades” (OMS, 1986:1)

Segundo a carta de Ottawa a promoção da saúde presume a evolução pessoal e social, através da melhoria da informação, educação para a saúde e reforço das competências que habilitem para uma vida saudável.

Educação para a saúde é qualquer atividade que é executada para melhorar e proteger a saúde de toda a comunidade escolar, de maneira a termos não só crianças mais informadas e assim, mais capacitadas para comportamentos de saúde.

A educação para a saúde na escola tem por finalidade inculcar nos alunos atitudes, conhecimentos e hábitos positivos de saúde que favoreçam o seu crescimento, desenvolvimento, bem-estar e a prevenção de doenças evitáveis na sua idade (Sanmarti, 1988; Pardal, 1990 citado por José Precioso (2004:3).

Portugal aderiu à Rede Europeia de escolas promotoras de Saúde em 1994, o que significou um progresso na promoção da Saúde de toda a comunidade educativa. Em 1997, com a criação da Rede Nacional de Escolas promotoras de Saúde deu-se, um grande passo num mais promissor para as crianças portuguesas.

"A Escola Promotora de Saúde não deve ser considerada só como um projeto mas sim como um processo a longo prazo, facilitando um melhor desenvolvimento escolar e bem-estar" Vivian Rasmussen citado por DGS (2000:5).

Assim, foram surgindo escolas que constituíam um local de sublimidade para trabalhar com os alunos, professores, pais e comunidade envolvente no sentido de os habilitar para escolhas promotoras de saúde.

Este projeto envolve três dimensões: a dimensão ecológica que diz respeito à preservação e melhoria de todos espaços da vida escolar; a dimensão comunitária que tem como principais objetivos a integração da escola na vida da comunidade e o aproveitamento de recursos para a melhoria dos resultados. A ligação à comunidade consiste nas ligações entre a escola e as famílias dos alunos por um lado, e com os grupos e pessoas da comunidade, por outro. A junção adequada a estes grupos e a sua participação no apoio à escola melhora a escola promotora de saúde e oferece aos alunos, docentes e funcionários o contexto e o apoio necessários para as suas ações. A dimensão psicossocial que tem como meta aumentar o prazer de trabalhar na instituição e estabelecer um ambiente de solidariedade e entreajuda. (adaptado de José Precioso 2004:6)

Ao analisar alguns dos trabalhos da Associação para o Planeamento da Família que tem uma parceria com Ministério da Educação pudemos perceber, que foi feito um longo e positivo caminho no combate às Doenças Sexualmente Transmissíveis, à gravidez na adolescência e nas relações sexuais sem proteção. Mas, no que diz respeito à educação sexual e à prevenção do abuso sexual ainda há um longo caminho a percorrer.

Neste pequeno trilho palmilhado, nesta experiência pedagógico-didática devemos salientar que o aluno assumiu sempre o papel central da ação educativa. Assim partimos sempre das suas conceções prévias, valorizando-se sempre as suas opiniões/comentários.

As conceções alternativas são ideias intuitivas e espontâneas que os alunos adquirem no seu dia-a-dia, inculcadas pela sua cultura sendo por vezes condicionadoras da aquisição de conhecimento, mais ainda, podem e devem ser o ponto de partida e de motivação em cada aula.

No passado defendia-se a ideia que os alunos chegavam à escola como uma tábua rasa, que ia sendo preenchida pelos professores ao longo do percurso escolar. No entanto sabemos que as crianças trazem ideias prévias com as quais interpretam a realidade que as rodeia. "Estas ideias, genericamente designadas por conceções alternativas, são construídas pelos próprios alunos através de experiências diárias do foro informal - sensorial, linguístico, cultural - ou formal, e divergem erroneamente dos conceitos aceites pela comunidade científica" (Anderson et al., 2002 ; Köse, 2008 citado por Ana Teixeira 2011:15). Ainda, segundo Ana Teixeira (2011:15) "as conceções alternativas têm origem num conjunto diversificado de experiências

personais, incluindo a percepção e observação direta, a cultura e língua, bem como nas explicações dos professores”, ou seja, são ideias pré-concebidas que os alunos vão adquirindo, à medida que vão crescendo e tendo em conta o meio onde se desenvolvem.

Pereira (1992:63) defende que “ a primeira preocupação do ensino seja conhecer e valorizar as concepções alternativas com que as crianças chegam às aulas de ciências. As concepções alternativas são entendidas como produtos dos esforços imaginativos das crianças para descrever e explicar o mundo físico que as rodeia.”

Numa perspetiva construtivista do processo de ensino/aprendizagem das ciências, as concepções alternativas adotam um papel central, pois todo o trabalho realizado na aula deve fazer-se de tal modo que os alunos sejam estimulados a apresentar, questionar e testar as suas ideias e convicções para que sejam facilitadoras da aprendizagem em vez de construírem uma barreira à aprendizagem.

Aos alunos devem ser dadas oportunidades para explorarem factos e fenómenos através de experiências significativas de modo a que ocorra a construção do conhecimentos.

Nas orientações curriculares para o 1º Ciclo do Ensino Básico, as concepções alternativas são mencionadas no que diz respeito às aprendizagens ativas. Afirma-se que as concepções alternativas devem mobilizar a inteligência para projetos decorrentes do quotidiano dos alunos e proporcionar sistematicamente atividades exploratórias.

Tomando como referência o ponto de vista de Cachapuz (1995:361), designam-se por Concepções Alternativas as “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização”. Por sua vez Furió, Solbes e Carrascosa (2006) citados por Isabel Pereira et al (2004:28) defendem que “os alunos, quando chegam à escola, são detentores de várias CA's, muitas das quais apresentam uma lógica inapreciável, essas concepções são persistentes e não são ultrapassadas com estratégias de ensino tradicionais, mas sim com a interação dos alunos com aquilo que aprendem na escola de uma forma didática.”

Piaget e Ausubel, afirmaram que a criança com suas ações determinará a organização e estruturação do seu conhecimento, e que esta é parte ativa dos processos de construção do conhecimento.

Os manuais escolares são muitas vezes veículos de consolidação de muitas concepções alternativas. O não esclarecimento da diferença epistemológica entre conhecimento científico e conhecimento do senso comum (sensorial e social) faz com que os alunos transfiram atributos do domínio sensorial para o domínio conceitual, acabando por não conseguir distinguir realmente a informação do senso comum da literacia científica.

Desde a década de 70, vários estudos foram desenvolvidos no sentido de clarificar a natureza do conhecimento e da aprendizagem dos conceitos em ciências. Várias evidências sugerem que as crianças chegam à escola cheias de idéias, conceitos e explicações acerca de tudo o que conhecem. Estas idéias correspondem às verdadeiras construções mentais acerca do mundo, baseadas nas suas experiências no quotidiano.

O levantamento desses conhecimentos da criança pode ser feito de várias formas. No decorrer do nosso estágio optou-se inicialmente, por levantar as concepções, de forma anónima, com a utilização de apenas algumas palavras e posteriormente através do desenho.

A Educação sexual nas escolas é uma obrigação imposta por lei. “Educação para a Sexualidade e para os afetos é vista na sociedade atual, não só como uma obrigação imposta por lei, às escolas, mas também como um imperativo da formação e educação das crianças, pelo facto de ser parte integrante do desenvolvimento da personalidade de um indivíduo” (Ministério da Educação – M.E. e Ministério da Saúde – M.S., 2000:10).

Este é um caminho ainda com muitas barreiras a ultrapassar, mas há um conjunto de valores e objetivos que tem de ser cumpridos para assim formamos crianças mais informadas, isto é, capacitadas para tomar decisões em relação ao seu comportamento.

São muitas as definições encontradas, na literatura da especialidade para o conceito de Educação Sexual.

Entendemos que a educação sexual, não é mais do que a educação para os afetos, para a prevenção, para a conceção de ideias e atitudes saudáveis e felizes.

Para o Grupo de Trabalho de Educação Sexual – GTES (2005:2), educação sexual é o processo através do qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual.

Frade, Vilar, Alverca e Marques (2003:13) definem-na como sendo um “conceito global abrangente de sexualidade que inclui a identidade sexual (masculino/ feminino), o corpo, as expressões da sexualidade, os afetos, a reprodução e a produção da saúde sexual e reprodutiva.”

As orientações do ministério (portaria n.º196-A/2010), em vigor, integram a educação sexual na Educação para a Saúde uma vez que assenta num conceito de abordagem semelhante, que tem como propósito a promoção da saúde física, psicológica e social. A referida legislação incluiu a educação sexual nos currículos do ensino básico e secundário integrada na área da educação para a saúde, área da qual fazem parte, igualmente, a educação alimentar, a atividade física, a prevenção de consumos nocivos e a prevenção da violência em meio escolar. O conceito atual de educação para a saúde tem subjacente a ideia de que a informação permite identificar comportamentos de risco, reconhecer os benefícios dos comportamentos adequados e suscitar comportamentos de prevenção (portaria n.º196-A/2010).

Segundo o documento International “Guidelines on Sexuality Education” (Unesco, 2009) a educação sexual deve ser apropriada à idade, culturalmente sensível, abrangente, tem de incluir programas que prestem informações cientificamente precisas, realistas e sem pré-julgamentos.

A Educação Sexual pode ser abordada pelas vias informal, formal ou não formal.

A educação informal é o resultado de várias experiências do quotidiano, decorre por isso, durante toda a vida. Segundo Bezerra e Macário (2012:13) “a Educação Sexual informal representa uma forte vinculação aos modelos sexuais proporcionados pelos pais e familiares, contribuindo para um estreitamento de relações psicoafectivas. É na família que surgem as bases das atitudes sexuais muito embora possam sofrer a influência das constantes mudanças socioculturais.”

No concerne à educação formal, esta diz respeito aos processos de aprendizagem curricular sendo os professores os seus principais agentes. Segundo Bezerra e Macário (2012:14) “Atualmente, a educação sexual formal reúne consenso generalizado, essencialmente porque políticos, especialistas na matéria, professores e toda a comunidade em geral perceberam que ela é necessária, fundamental e urgente para que os jovens tenham uma vivência mais informada, consciente e gratificante da sua sexualidade. “

Por sua vez, a educação não formal desenrola-se através de atividades fora da sala de aula ou mesmo extracurriculares, mas previamente programadas.

É importante que a educação sexual formal assuma um papel fulcral, no dia-a-dia das nossas crianças e das nossas escolas, para que possamos ter crianças mais informadas e por conseguinte protegidas.

A escola é um dos cenários importantes para a implementação da educação sexual: o tempo que as crianças passam na escola; é um local privilegiado da relação dos adolescentes com os seus pares e o papel educativo e formador da escola. Esta deve possibilitar aos estudantes um incremento dos seus conhecimentos nas áreas da sexualidade e a promoção de atitudes e comportamentos de saúde.

Apesar de se saber das vantagens da implementação da educação sexual nas escolas, continua haver quem questione se a educação sexual não será uma maneira de incentivar ou promover a atividade sexual precoce.

Segundo A. Bezerra e R. Macário, “A educação sexual na escola leva a que os jovens que frequentaram esse tipo de ações iniciem, em média, a atividade sexual mais tarde, para além de terem recebido informação acerca da redução de comportamentos de risco e de aumento de comportamentos preventivos nesta área.” (2012:16)

Ainda existem muitos professores que destacam como obstáculos às aulas de educação sexual “sentimentos pessoais; atitudes dos pais dos alunos; currículo ou programa; preparação e/ou formação. Relativamente aos sentimentos pessoais que os professores vivenciam destacam os receios e a falta de vontade. As atitudes e reações dos pais dos alunos são também argumentos apontados pelos professores, salientando-se a não-aceitação da abordagem do tema. Além da falta de preparação e da sua necessidade de formação, os professores consideraram também a necessidade de formação dos pais dos alunos. Quanto à sua formação, explicitam que esta seria necessária essencialmente para saberem “como” e “o que” abordar com crianças de 1ºCEB.” Anastácio, Carvalho e Clément (2005:7).

Ao trabalhar com crianças do primeiro ciclo, o principal objetivo foi gerar comportamentos preventivos, nomeadamente no caso do abuso sexual.

Em termos legislativos, a Lei n.º 60/2009, definiu onze finalidades que devem orientar a educação sexual em contexto escolar. A regulamentação desta lei, através da Portaria n.º 196-A/2010, definiu os objetivos mínimos que, no caso do 1º ciclo estão relacionados com: “Noção de corpo; O corpo em harmonia com a Natureza e o seu ambiente social e cultural; Noção de família; Diferenças entre rapazes e raparigas; Proteção do corpo e noção dos limites, dizendo não às aproximações abusivas.”

Seguindo-se as orientações do Ministério da Educação, os objetivos da Educação Sexual no 1º e 2º Ciclos Básicos selecionados foram:

i) No âmbito do conteúdo: “O Corpo em Crescimento”, pretendeu-se que os alunos:

- Descrevessem corretamente diferenças anatómicas entre rapaz e rapariga, e crianças e adultos;
- Conhecêssem as mudanças anatomofisiológicas que ocorrem ao longo da puberdade e o ciclo menstrual;
- Adquirissem papéis de género igualitários e não discriminatórios;
- Reconhecêssem alguns aspetos da discriminação social em função do papel de género;
- Defendessem a igualdade dos sexos.

ii) No que concerne à Saúde Sexual e reprodutiva foi pretendido que os alunos:

- Descrevessem corretamente o processo de fecundação;
- Classificassem e descrevessem, sumariamente, os diferentes métodos contraceptivos.

iii) Em relação às Relações Interpessoais foi pretendido que os alunos:

- Descrevessem o que é um abuso sexual;
- Soubessem reagir adequadamente em caso de ser alvo de tentativa de abuso;
- Comunicassem o abuso sexual, se consumado.

No que concerne à sua evolução histórica salientou-se que a verdadeira razão para o aparecimento da Educação sexual prende-se com o aparecimento de epidemias de sífilis, de blenorreia e de outras doenças de transmissão sexual, nomeadamente junto de bases militares americanas ou entre soldados que regressavam da guerra.

Na década de 60, com o crescimento da população do chamado Terceiro mundo, a educação sexual passou a ser vista como um meio de controlar os nascimentos, face à explosão demográfica em algumas regiões do planeta.

Com o aparecimento da sida, nos anos 80, foi emergente uma ação de prevenção de comportamentos sexuais de risco, tendo assim, a Educação Sexual um importante papel a desenvolver. A OMS, integra um conjunto de projetos diretamente relacionados com a Educação Sexual em meio escolar e clarifica o conceito de sexualidade humana: “ ... uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura e intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.” (OMS) (citado em Frade, et al, 1992; Vaz et al, 1996; ME, 2000).

Esta definição da OMS, veio assim, a contribuir para o entendimento e compreensão da sexualidade como uma construção pessoal que congrega um conjunto de vertentes: a biológica, a psicológica e a social, aos quais a Educação da Sexualidade nos seus princípios fundamentais não pode ficar alheia.

Em Portugal, enquanto a liberdade era exposta nas páginas dos jornais de todo mundo, devido ao 25 de abril de 1974, também era exaltada a necessidade da educação sexual escolar. Mas só em 1984 é a provada pela Assembleia da República a Lei 3/84 sobre “Educação Sexual e Planeamento familiar”, na qual o estado português assume o compromisso de apoiar as famílias nas tarefas da Educação Sexual, a introduzir nos currículos escolares conteúdos sobre anatomia, fisiologia, genética e sexualidade humana.

Cabe neste processo destacar o papel pioneiro da Associação para o Planeamento da Família (APF) enquanto organização cívica e educativa envolvida no planeamento familiar e na Educação Sexual, pois desenvolveu um conjunto de atividades e de programas apoiados por profissionais de saúde e dirigidos às escolas, encarregados de educação e comunidade escolar.

Este movimento dinâmico acaba por influenciar na redação do artigo 47, número dois da Lei de Bases, onde é contemplada a Educação Sexual, com uma hora semanal: “ Os planos curriculares do ensino básico incluirão em todos os ciclos e de forma adequada uma área de formação pessoal e social, que pode ter como componentes a educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual, prevenção de acidentes, a educação para a saúde, a educação para a participação nas instituições, serviços cívicos e outros do mesmo âmbito.” (Lei de Bases do Sistema Educativo)

No entanto, a nova disciplina, apesar de ter programas elaborados e professores formados, nunca foi verdadeiramente implementada de forma generalizada.

O surgimento da SIDA nos anos 80, veio também a introduzir novas preocupações na ação educativa, é introduzida uma nova área no Programa de Promoção e Educação para a Saúde (PPES), relacionada com os comportamentos sexuais dos jovens e a prevenção da SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis.

Em 1995 a APF apresenta uma proposta para o desenvolvimento de um projeto experimental de Educação Sexual nas escolas, que abrangeu cinco regiões do país: Maia, Évora, Setúbal, Faro e Gouveia e produziu o documento “Orientações Técnicas para a Educação Sexual em meio escolar”. Este documento tem como objetivo geral fomentar a generalização gradual desta experiência às escolas portuguesas no sentido da integração regular de projetos e atividades de Educação Sexual nos vários níveis de ensino (ME, 2000;).

Em Outubro de 2000, surge o Decreto-lei 259/2000, que regulamenta a Lei 120/99 e que vem reforçar a implementação da educação sexual em meio escolar. No ponto 2 do artigo 1ºeste decreto-lei, determina que a elaboração do Projeto Educativo de cada escola:“...deve integrar estratégias de promoção da saúde sexual, tanto no desenvolvimento do currículo, como na organização de atividades de enriquecimento curricular, favorecendo a articulação escola - família, fomentar a participação da comunidade escolar e dinamizar parcerias com entidades externas à escola...”

O referido Decreto-Lei, aponta também para a necessidade do Projeto Curricular de Turma não surgir desintegrado do Projeto Educativo de escola, devendo posteriormente refletir-se nos planos de trabalho de turma, apontando-se assim para um modelo transversal de inclusão da educação sexual nas escolas.

Posteriormente, o Decreto-lei 6/2001, que estabelece as novas Áreas Curriculares, constitui uma nova oportunidade para fazer cumprir o disposto em leis anteriores.

Considerando o quadro legislativo exposto, pareciam estar reunidas as condições para que a Educação Sexual se tornasse uma realidade, já que existia um quadro legal e conceptual

bastante claro e uma vontade política publicamente explicitada de o desenvolver. Mas, até aqui, continuávamos sem orientações claras do Ministério da Educação.

Assim, em maio de 2005, surge um Grupo de Trabalho em Educação para a Saúde/Educação Sexual - GTES, coordenado pelo professor Daniel Sampaio que entre 2005 e 2007 apresentam um conjunto de propostas:

- Organização obrigatória de um programa de educação para a Saúde com quatro áreas: Alimentação e Atividade Física, Consumo de Substancias Psicoativas, Sexualidade e Violência em Meio Escolar;
- Organização de gabinetes de saúde como estruturas dinamizadoras destes projetos de educação para a saúde;
- Designação obrigatória de um professor coordenador com uma redução do tempo letivo a fim de poder exercer as suas funções;

Mas em Setembro de 2007 a GTES, põe fim ao seu mandato, acabando por não se cumprir a maior parte das suas propostas.

Em 2009, face à estagnação do processo, a Assembleia da República debateu vários projetos, sendo aprovada uma nova lei em junho de 2009: a lei de 60/2009, que dispõe a obrigatoriedade da existência de programas regulares de educação sexual em todos os ciclos de ensino, com uma duração mínima de seis horas no 1º e 2º ciclos do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

A lei clarifica também a estrutura organizativa em que se deve basear a educação sexual nas escolas. Esta deve assentar numa equipa dinamizadora e nos gabinetes de educação para a saúde.

Em 9 de abril de 2010, é regulamentada a anterior lei, através da portaria nº 196 – A/2010 que vem oferecer as bases gerais do regime de aplicação da educação sexual em meio escolar, conferindo-lhe o estatuto de obrigatoriedade, com uma carga horária adaptada e repartida por cada nível de ensino, especificada por cada turma e distribuída de forma equilibrada pelos diversos períodos do ano letivo.

Enfim, foram precisos 25 anos para a educação sexual passar de uma mera intenção legislativa (Lei 3/84) para um quadro legal e normativo bastante mais claro, quer em termos dos objetivos e finalidades da educação sexual, quer em termos dos conteúdos mínimos, quer ainda na forma como as escolas se devem organizar para a promover.

4.2 Proposta de uma prática docente

Nesta parte, do 3º capítulo, descrevemos uma experiência pedagógico-didática no ensino da educação sexual numa turma do 4º ano do 1ºCEB.

Foram realizadas três aulas de Educação Sexual enquadradas no projeto “Até onde vai o carinho”. Estas aulas foram planificadas no âmbito da Formação Cívica, pois é nesta área que se insere a Educação sexual no 1º CEB. Este projeto pode ser implementado em qualquer escola, com turmas do 4º ano do 1º CEB, pois encontra-se devidamente fundamentado e apoiado em materiais didáticos que permitirão aos alunos crescer de forma mais segura e capaz de lidar com o seu corpo.

i) Noção de Corpo/ Diferenças entre rapazes e raparigas (aula 1)

Nesta aula a primeira finalidade foi conhecer o seu corpo e promover comportamentos potencializadores de uma vida feliz e saudável.

Observamos que os alunos já se encontravam muito motivados e despertados para o tema que ia ser abordado.

No que concerne ao objetivo primordial desta aula, era espectável que os alunos adquirissem as atitudes de aceitação do seu corpo e das funções do mesmo. Reconhecessem as diferenças físicas individuais, sem conotações discriminatórias (apêndice 20).

Assim, a estratégia utilizada para a motivação foi o diálogo. Questionámos sobre a importância da educação sexual para as crianças.

Posteriormente foi solicitado que escrevessem as diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino num “post-it”. Os alunos tiveram a oportunidade, de modo anónimo, de escrever as suas concepções sobre o que distingue os sexos. De seguida foram lidas, em voz alta, algumas das ideias dos alunos. Podemos constatar que estes alunos distinguiam sexos, não por aspetos biológicos, mas por comportamentos (por exemplo: “ os rapazes gostam de jogar à bola e as raparigas de brincar com bonecas”).

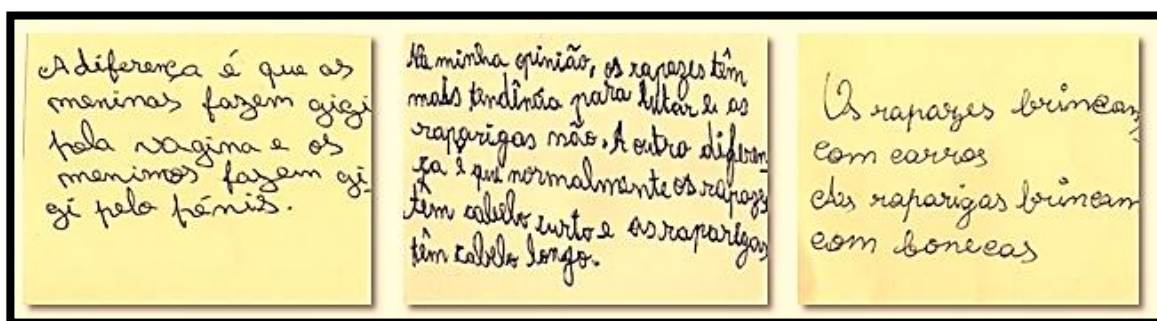


Figura 10 – Algumas das concepções sobre as diferenças entre o sexo masculino e feminino.

De seguida foi visualizado um *power point*, (apêndice 21) onde se ilustrava que a única diferença entre o sexo masculino e o sexo feminino eram os órgãos sexuais. Este *power point*, mostrava dois amigos: o João e a Joana que tinham rotinas diárias idênticas e como qualquer criança, brincadeiras semelhantes. Os alunos tentaram através da roupa decifrar qual seria a Joana e qual seria o João, mas não conseguiram. Só a última ilustração é que identificava qual era o João e qual era a Joana, através da exposição dos seus órgãos sexuais.

Por fim, os alunos desenharam numa folha em branco, a sua identificação sexual (figura 11).



Figura 11- Desenhos dos alunos com a identificação sexual

Apesar dos alunos revelarem a aquisição do conteúdo no desenho que elaboram, alguns alunos acabaram por identificar o sexo feminino e o sexo masculino apenas nas diferenças domésticas ou de atividades.

Assim, foi possível que os alunos

- ✓ Compreendessem as diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino;
- ✓ Caraterizassem corretamente as diferenças anatómicas entre rapazes e raparigas;
- ✓ Descrevessem corretamente as partes fundamentais dos órgãos sexuais internos e externos do sexo masculino e do sexo feminino;
- ✓ Soubessem da escolha duma profissão, conscientemente e livre de estereótipos sexuais e de género;
- ✓ Colaborassem nas tarefas domésticas e familiares, independentemente do sexo.

ii) **Alterações físicas e psicológicas ao longo da vida/ A concepção (aula 2)**

Dando continuidade às aulas de educação sexual, começou-se por abordar os sistemas reprodutores (apêndice 22) com a visualização de um *power point* (apêndice 23) baseado no livro “Como nascem os bebés”.

À medida que os conteúdos eram expostos, eram esclarecidas as dúvidas dos alunos que iam surgindo. Os conteúdos mais salientados foram os constituintes dos sistemas reprodutores: feminino e masculino assim como, os elementos essenciais acerca da concepção, da gravidez e do parto.

A exploração do *powerpoint* foi feita com as participações dos alunos, eles explicavam o que estavam a visualizar.

Verificamos que os alunos ainda não tinham adquirido o vocabulário correto, nomeadamente alguns mostravam-se envergonhados ao mencionar a palavra “pénis” ou a palavra “vagina”, mas no decorrer da aula foi possível observar uma mudança de comportamento e a aquisição dos termos anatómicos.

Por fim, e para esclarecer algumas dúvidas “envergonhadas” dos alunos, decidimos fazer uma “caixa de dúvidas”. Os alunos foram convidados a escrever numa folha de papel anonimamente, uma dúvida sobre os órgãos reprodutores/ reprodução.

A restante parte da aula foi ocupada com o esclarecimento, em diálogo participativo, dessas dúvidas.

Assim, foi possível que os alunos:

- ✓ Conhecêssem os órgãos reprodutores masculinos e femininos e a sua fisiologia;
- ✓ Compreendessem os acontecimentos essenciais acerca da concepção, da gravidez e do parto;
- ✓ Esclarecessem algumas dúvidas sobre a sexualidade.

iii) Proteção do corpo e noção dos limites, dizendo não às aproximações abusiva.
(aula 3)

Na aula anterior os alunos foram convidados a fazerem recolhas de notícias, nos jornais, sobre o abuso sexual.

Era a última aula de educação sexual e tendo em conta o último objetivo a ser trabalhado “identificar e saber aplicar respostas adequadas em situações de injustiça, abuso ou perigo e saber procurar apoio quando necessário” (Apêndice 24), é de salientar que foi uma aula onde se conseguiu manter um diálogo em grande grupo, onde todos os alunos manifestaram as suas opiniões.

Esta aula foi intitulada de “Até onde vai o carinho”. Através de um *powerpoint* (apêndice 25) foram projetadas várias imagens que transmitiam histórias de abuso sexual, de prevenção de abusos sexuais ou de situações constrangedoras e incomodativas. Foram lidas as notícias dos jornais, sobre os abusos sexuais.

Há que ter noção que os sinais de abuso sexual não são exclusivamente físicos e que poderão aparecer alterações ao nível psíquico que se prendem com medos, fobias, depressão, ansiedade ou problemas de sono. A nível social, numa fase etária mais evoluída, podemos denotar fugas de casa, desconfianças e rejeições a contatos afetivos, mais tarde a nível sexual, qualquer tipo de comportamento mais íntimo pode ser rejeitado ou mal interpretado. No que diz respeito ao nível cognitivo denota-se a falta de atenção e concentração, e o baixo rendimento escolar pode aparecer de forma brusca.

Foi pretendido nesta aula, que os alunos conseguissem diferenciar “abuso” de “afeição”, bem como aprenderem a dizer “sim ou não” nos momentos adequados. Há formas de educar que promovem a autonomia, a assertividade, a afirmação das crianças e jovens num clima humanizado, de autenticidade, de negociação e de respeito pelas diferentes opiniões.

Nesta aula foi perceptível que os alunos realmente estavam interessados e demonstraram ter uma reação positiva perante as várias situações a que foram expostas.

Foi enfatizado, durante toda a aula o respeito a que temos todos direito pelo nosso corpo, pela nossa intimidade. Todos os alunos reforçaram estas convicções no decorrer da aula.

Na segunda parte da aula, os alunos foram confrontados, pelo diálogo, de situações hipotéticas de perigo de abuso sexual. Os alunos corresponderam positivamente sempre às situações problemáticas.

No fim da aula foi entregue aos alunos um poema intitulado “Quem manda aqui sou eu” (A.D.). Este foi lido em conjunto com os alunos. O poema permitiu a consolidação das mensagens, dos valores e atitudes transmitidas (figura 12).



Figura 12 - Poema "Quem manda aqui sou eu!"

Por fim, foi solicitada uma reflexão individual sobre a importância das aulas de Educação Sexual (apêndice 26). Os alunos salientaram sobretudo a importância de conhecer a diferença do sistema reprodutor masculino e feminino e as mudanças que ocorrem ao longo da vida, evidenciando que estavam agora mais preparados para uma vida menos propícia a perigos ou a situações problemáticas, como o abuso sexual.

Concluindo, foi possível que os alunos:

- ✓ Percebessem o que é o abuso sexual;
- ✓ Descrevessem situações de abuso sexual;
- ✓ Identificassem situações de abuso sexual;
- ✓ Aprendessem a reagir adequadamente em caso de ser alvo de tentativa de abuso sexual;
- ✓ Percebessem a importância de comunicar o abuso sexual, ou situações de abuso sexual.

4.3. Conclusão

O caminho que foi traçado até aqui ainda é bem pequeno, mas acreditamos que foi uma contribuição significativa para a vida destes alunos.

Não podemos descrever, ou concluir sobre as aulas de educação sexual, sem afirmar que não é possível lecionar estas aulas se não considerarmos que ensinar é mais do que uma profissão.

Mas porquê escolher a educação sexual? Porque trabalha-la com as crianças/ alunos?

Foram unicamente três aulas, mas cada momento foi uma aprendizagem significativa e contínua. Podia-se remeter a resposta para a importância de conhecer o nosso corpo, à proteção nas relações, mas a verdadeira razão que nos move prende-se com a informação que todos os dias surge na televisão, nas rádios, enfim... Todos os meios de comunicação, ou seja, o abuso sexual.

“Até onde vai o carinho” é um sonho tornado real. Agora testemunhamos e acreditamos que estes alunos estão mais preparados para o futuro, no que concerne à prevenção do abuso sexual.

Saber dizer NÃO, às vezes não é fácil e muito menos quando falamos de crianças que aprenderam as regras da boa educação para com os adultos.

A investigação sobre educação sexual, diz-nos que ainda há um longo caminho a percorrer. Apesar de já estar legislada, ainda há alunos que a desconhecem e professores e pais que não assumem a sua importância.

Salientando as palavras de Júlio Vaz (1996:71) a Educação Sexual é “um processo contínuo, progressivo, conflitual e não linear pois face a novos conhecimentos e acontecimentos vivenciais as atitudes podem mudar, assim como todo o tipo de decisões que decorrem destas mudanças”.

Muitos dos adultos de hoje, pais dos alunos de agora, viveram a sua infância e adolescência num contexto social em que a sociedade era fortemente conservadora e negativa, em tudo o que se relacionasse com a sexualidade.

A Educação Sexual na escola constitui apenas uma das componentes do processo de aprendizagem da sexualidade. Esta decorre ao longo da vida e no qual intervêm diversos agentes, nomeadamente a família, constituem aprendizagens em contexto informal.

Neste capítulo foi abordada a importância e a pertinência da Educação Sexual no meio escolar ensino formal, que não deve ser avaliada somente a curto prazo, mas deve ser entendida como um processo de mudança social e de inovação educativa mais vasta.

Capítulo IV

*“A educação tem raízes amargas, mas os seus
frutos são doces.”*

(Aristóteles)

5. Conclusão

Este momento é o final de uma etapa, onde foi percorrido um longo caminho, caminho esse com várias fases. Primeiro uma Licenciatura em Educação Básica e depois dois anos no Metrado do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico. Este curso está estruturado em um ano de estudos teóricos e outro de prática pedagógica, onde foi crucial toda aprendizagem teórica adquirida no primeiro ano bem como o trabalho de pesquisa diário, essencial para ultrapassar obstáculos.

No que diz respeito aos estágios curriculares, no que se refere à aplicação dos conteúdos, temos plena noção das lacunas teóricas que procuramos sempre superar, conscientes que os obstáculos deveriam constituir desafios para o crescimento pessoal.

Perante o comportamento dos alunos, que na maior parte das vezes não era exemplar, surgem as dúvidas sobre as estratégias selecionadas. Sobre isto, Branca Santos citando Estrela (1992:87) afirma que “o poder central da indisciplina poderá ser consideravelmente reduzido se ajudarmos os professores a tornarem-se organizadores mais eficazes da aula”.

Embora reconheçamos que poderíamos ter porventura, sido mais ambiciosos com as planificações. Contudo, procuramos sempre o conhecimento e a melhoria constante do nosso trabalho.

Poder trabalhar a Educação Sexual com o 4º B, do 1º CEB, foi uma mútua aprendizagem. Percebemos que ainda são muitas as barreiras e constrangimentos a ultrapassar. No fim das três aulas dedicadas ao tema, verificamos que os alunos as valorizaram. O testemunho ficou expresso num texto que redigiram sobre a importância destas aulas.

Hoje sabemos que ser professora é sem dúvida alguma uma vocação!

Percebemos que não há fronteiras entre o conhecimento e a pedagogia, estas são duas premissas que fazem com que a educação resulte.

Consideramos, assim, que a PES (I e II) se assumiu como determinante para a nossa nova condição profissional, ser professora do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico.

5. Bibliografia

- Anastácio, Z., Carvalho, G., & Clément, P. (2005) *Educação sexual no 1º CEB : argumentação dos professores para a sua (não) consecução*. Braga: Universidade do Minho
- Bezerra, A., & Macário, R. (2012). *Educação Sexual na Escola - Manual para professores e educadores*. Gaia: Educação Nacional
- Boggino, N. (2009). A avaliação como estratégia de ensino - Avaliar processos e resultados. *Revista de Ciências da Educação n° 9*, pp. 79 - 85.
- Cachapuz, F. (1992). *Ensino das Ciências e Formação de Professores*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Costa, F. & Marques, A. (2005). *História e Geografia de Portugal*. Porto: Porto Editora.
- Educação, M. d. (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico - 1º Ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Educação, M. d. (2007). *Curriculo Nacional do Ensino Básico*. Lisboa: Departamento de Educação Básico.
- Estrela, M. T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Fernandes, G. & Anastácio, Z. (2009). Corpo e Identidade nas concepções das crianças de 1º Ciclo do Ensino . CIEC - Instituto de Educação - Universidade do Minho. Braga
- Frade, A., Marques, A., Alverca, C., & Vilar, D. (2010). *Educação Sexual na escola - Guia para professores, formadores e educadores*. Lisboa: Texto Editores.
- Lourenço, A., & Paiva, M. (2010). A motivação escolar e o processo de aprendizagem. *Ciências e Cognição* , 15 (2), pp132-141
- Matos, Z. (2011). *Normas orientadoras do estágio profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básicos e secundários da FADEUP*. Porto: Universidade do Porto.
- M., G. C. (1999). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Pelizzari, A., Kriegl, M. L., Baron, M.P., Finck, N.T.L & Dorocinski, S.I. (2002). Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausebel. *Revista PEC Curitiba*, 2, 1, pp. 37-42
- Pereira, M. (1992). *Didática das Ciências da Natureza*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, I. (2004). *Conceções e obstáculos de aprendizagem no estudo da reprodução humana em crianças do 1º C.E.B. do meio rural*. Tese de Mestrado em Estudos da Criança, Promoção da Saúde e do Meio Ambiente - Universidade do Minho. Braga

- Precioso, J. (2004). Educação para Saúde na Universidade: Um estudo realizado em alunos da U.M. *Revista Eletrónica de Enseñanza de las Ciencias* 3, 2: 1-10
- Ponte, J. P. (2009). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Reis, P. (2011). Observação de aulas e Avaliação do Desempenho Docente. *Cadernos do CCAP* - 2, Ministério da Educação - Conselho científico para a avaliação de professores.
- Santos, B. (s.d.). *Gestão da sala de aula para prevenção da indisciplina: Que competências? Que formação?* Parede: Educação Nacional
- Semedo, S. (2009). *O trabalho de projeto em aulas de ciências da natureza no 2º ciclo do ensino básico*. Tese de Mestrado de Educação na Área de Especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional. Faculdade de ciências - Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Teixeira, A. (2011). *Concepções alternativas em ciência: um instrumento de diagnóstico*. Tese de Mestrado em Ensino da Biologia e da Geologia. Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

Webgrafia

- <http://www.dgs.pt/>. *Direção Geral de Saúde*. Obtido em 8 de 10 de 2012
- <http://portal.unesco.org/en/ev.php.0018/001832/183281>. *International Guidelines on Sexuality Education*. Obtido em 8 de 10 de 2012
- <http://www.profala.com/arteducesp201.htm> . *O Não Acompanhamento e Sua Relação com o aluno*. Obtido em 28 de setembro de 2012
- <http://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/ottawa/en/> . *The Ottawa Charter for Health Promotion*. Obtido em 19 de 06 de 2012
- <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=2&ved=0CDcQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.dgdc.min/edu.pt%2Feducacaosaude%2Fdata%2Feducacaosaude%2Feducacaosexual%2Frelator>. *Grupo de Trabalho de Educação Sexual*. Obtido em 01 de 12 de 2012
- <http://www.prof2000.pt/USERS/folhalcino/formar/outros/planifica.htm>. *Pedagogia*. Obtido em 10 de Dezembro de 2012
- <http://www.mun-guarda.pt/index.asp?idedicao=51&idSeccao=657&Action=seccao>. *Censos 2011*. Obtido em 14 de Dezembro de 2012

Bibliografia Normativa

Decreto – Lei 3/84 retirado de

http://juventude.gov.pt/MigratedResources/461000/461027_Lei203_84pdfEducsexepplaneamento.pdf

Decreto – Lei 120/99 retirado de http://www.estg.ipg.pt/legislacao_ambiente/ficheiros/DL%20120-99.pdf

Decreto – Lei 259/2000 retirado de

http://juventude.gov.pt/MigratedResources/461000/461009_DecretoLei259_2000.pdf

Decreto – Lei 43/2007 retirado de <http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/84F15CC8-5CE1-4D50-93CF-C56752370C8F/1139/DL432007.pdf>

Decreto – Lei 3/2008 retirado de <http://dre.pt/pdf1s/2008/01/00400/0015400164.pdf>

Decreto – Lei 60/2009 retirado de http://www.pavconhecimento.pt/media/media/753_decreto-lei.pdf

Decreto – Lei 6/2001 retirado de <http://www.gave.min>

edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=decreto_lei_6_2001.pdf

Apêndices

Apêndices

Apêndice 1



PLANO DE AULA

PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Prof. Elizabete Brito

Prof. Cooperante: Prof. Fernanda Cosme

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Centro Escolar da Sequeira

Nível de ensino: 4º ano

Data: 12 de dezembro de 2011

Turma: B

Tempo: 70 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Estudo do meio À descoberta do Ambiente Natural - Aspectos físicos do meio	<ul style="list-style-type: none">• Observar e reconhecer fenómenos naturais;• Reconhecer fenómenos de condensação, solidificação e precipitação;• Realizar experiência que representem fenómenos naturais	<ul style="list-style-type: none">• Condensação• Solidificação• Fusão• Evaporação	<ul style="list-style-type: none">• <i>Power point</i> dos estados da água;• Ficha de registo das experiências;• Ficha fenómenos da natureza;• Cafeteira eletrónica; Cuvete de gelo.	<ul style="list-style-type: none">• Começar por levantar as conceções alternativas sobre os estados da água;• Depois disso, visualizamos o <i>power point</i>, onde vos alunos tem que corresponder as imagens a diferentes estados da água;• Distribuição das fichas das experiencias;• Realização das experiencias;• Conclusão e resposta á questão problema colocada no início;

Apêndice 2 - Power point “Diferentes estados da água.”



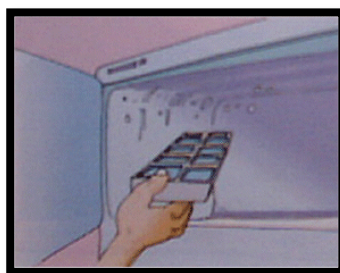
Estudo do Meio – 4º ano

Nome: _____

Data: _____

Questão problema

O que acontece à água líquida no congelador?



Antes da experimentação

Preparação: Encher uma cuvette com água e colocá-la no congelador.

Penso que...

Experimentação

Após a experimentação

Verifiquei que...

Resposta à questão problema:

Estudo do Meio – 4º ano

Nome: _____

Data: _____

Questão problema

O que acontece quando a água é aquecida?



Antes da experimentação

Preparação: Encher um recipiente com água e colocá-lo numa placa elétrica, ligada à corrente.

Penso que...

Experimentação

Após a experimentação

Verifiquei que...

Resposta à questão problema:

Apêndice 5

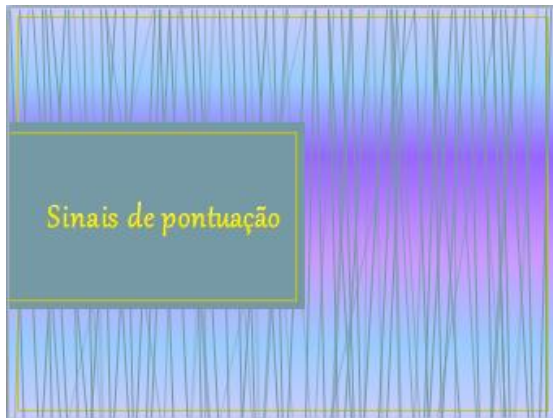


PLANO DE AULA
PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda


Prof. Orientador: Prof. Elizabete Brito		Prof. Cooperante: Prof. Fernanda Cosme		
Aluno: Luciana Rios		Local de estágio: Centro Escolar da Sequeira		
Nível de ensino: 4º ano		Data: 12 de dezembro de 2011		
Turma: B		Tempo: 90 minutos		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Língua portuguesa Os sinais de pontuação	<ul style="list-style-type: none"> Respeitar as convenções que regulam a interação: → Ouvir os outros Encontrar no enunciado a informação necessária à concretização de uma tarefa a realizar; Rever os textos com vista ao seu aperfeiçoamento → Identificar erros; → Explicitar regras e procedimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> Planificação do discurso: identificação do tema; Revisão de textos Tipos de erros Entoação: declarativa, interrogativa, exclamativa, imperativa. Sinais de pontuação; Tempos verbais. 	<ul style="list-style-type: none"> Texto: "Pontos de vista"; Quadro; Power point "os sinais de pontuação"; Ficha informativa; Fichas de trabalho sobre os sinais de pontuação. 	<ul style="list-style-type: none"> Após a entrada dos alunos, e de estarem calmos, farei a apresentação <i>power point</i> dos sinais de pontuação; Depois da visualização do <i>power point</i> vou distribuir o texto "Pontos de vista", e após a leitura silenciosa, os alunos todos terão a sua oportunidade de ler o texto em voz alta. O primeiro aluno a ler registará na grelha de avaliação da leitura, a clareza e entoação da leitura dos colegas; Após todos terem lido o texto, prossigo à interpretação do texto oralmente e entrego as fichas sobre os sinais de pontuação, para consolidar a matéria.

Apêndice 6 – Power Point “Os sinais de Pontuação”



Os Sinais de Pontuação

Mas afinal para que servem os sinais de pontuação?




Os sinais de pontuação são muito importantes, pois facilitam a leitura e ajudam-nos na compreensão de textos.

Os Sinais de Pontuação

Vamos agora conhecer os sinais de pontuação!




Os Sinais de Pontuação




Olá!
Eu sou o **PONTO DE INTERROGRAÇÃO** e sou um bem precioso quando queres fazer uma pergunta.

Os Sinais de Pontuação



Olá!
Eu sou a **VIRGULA**, sirvo para fazer uma pequena pausa nas frases e separo os diferentes elementos de uma frase.

Os Sinais de Pontuação



Olá!
Nós somos os **DOIS PONTOS** e somos usados antes de uma citação ou de uma enumeração.

Os Sinais de Pontuação

Olá!
Nós somos o **PONTO E VIRGULA**,
obrigamos a uma pausa, mas não
terminamos a frase!

Os Sinais de Pontuação

Olá!
Eu sou o **PONTO DE EXCLAMAÇÃO**, sou
utilizado quando queres exprimir uma
surpresa, ou admiração.

Os Sinais de Pontuação

Olá!
Nós somos as **ASPAS** e servimos
para introduzir palavras ou
citações de outros textos.

Os Sinais de Pontuação

Olá!
Nós somos os **PARÊNTESES** e
servimos para assinalar
informações diversas.

Os Sinais de Pontuação

Olá!
Eu sou o **TRAVESSÃO** e sou utilizado
nos diálogos para introduzir as falas
dos personagens!

Os Sinais de Pontuação

Olá!
Nós somos as **RETICÊNCIAS**
indicamos que a frase está
incompleta, assinalamos uma
pausa ou hesitação.



PLANO DE AULA
PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Prof. Elizabete Brito

Prof. Cooperante: Prof. Fernanda Cosme

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Centro Escolar da Sequeira

Nível de ensino: 4º ano

Data: 12 de dezembro de 2011

Turma: B

Tempo: 90 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> Ler, explorar e interpretar a informação, respondendo a questões; Organizar os dados em tabelas de frequências absolutas; Interpretar pictogramas; Interpretar diagrama de caule-e-folhas. 	<ul style="list-style-type: none"> Representação e interpretação de dados: →Leitura e interpretação de informação apresentada em tabelas e gráficos; →Tabelas de frequências absolutas; →Pictogramas →Diagrama de caule-e-folhas 	<ul style="list-style-type: none"> . Expositor: Pictograma Diagrama de caule-e-folhas; <i>Power point</i> "diagrama de caule-e-folhas"; Retroprojektor ; Quadro 	<ul style="list-style-type: none"> A aula começa com uma breve conversa com os alunos, sobre a importância dos gráficos e tabelas de frequências; Explicação do pictograma e preenchimento do expositor; Visualização do <i>power point</i> "diagrama de caule-e-folha"; Explicação do diagrama de caule-e-folha e preenchimento do expositor; <p>Esclarecimento de dúvidas sobre a matéria lecionada.</p>

Apêndice 8



PLANO DE AULA

PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Prof. Elizabeth Brito

Prof. Cooperante: Prof. Fernanda Cosme

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Centro Escolar da Sequeira

Nível de ensino: 4º ano

Data: 13 de dezembro de 2011

Turma: B

Tempo: 45 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Expressão musical	<ul style="list-style-type: none">• Identificar e marcar a pulsação e/ou ritmo;• Reproduzir com a voz ou com instrumentos: sons isolados, motivos, frases, escalas, agregados sonoros, canções e melodias.	<ul style="list-style-type: none">• Ritmo;• Sons;• Melodias.	<ul style="list-style-type: none">• Cd do musical ;• Letra da música “É Natal.”	<ul style="list-style-type: none">• Começo com um pequeno aquecimento vocal;• Entrega da letra da música “É Natal”;• Ensaio da música “É Natal” com distribuição de vozes: meninos e meninas.



PLANO DE AULA

PES II

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Prof. Elizabeth Brito

Prof. Cooperante: Prof. Fernanda Cosme

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Centro Escolar da Sequeira

Nível de ensino: 4º ano

Data: 9 de dezembro de 2011

Turma: B

Tempo: 45 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Expressão plástica	<ul style="list-style-type: none"> Adaptar e recriar espaços utilizando materiais ou objetos de grandes dimensões; Pintar cenários, adereços, construções. 	<ul style="list-style-type: none"> Recorte; Pintura; Desenho. 	<ul style="list-style-type: none"> Papel cenário; Caixas de cartão; Cartolinas; Lápis de carvão; Marcadores; Cola branca. 	<ul style="list-style-type: none"> Os alunos são distribuídos em dois grupos: um dedicado à construção dos cenários e planificação e outro à pintura e decoração.

Apêndice 10



PLANO DE AULA

PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Prof. Elizabete Brito

Prof. Cooperante: Prof. Fernanda Cosme

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Centro Escolar da Sequeira

Nível de ensino: 4º ano

Data: 12 de dezembro de 2011

Turma: B

Tempo: 45 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Expressão físico-motora A dança	<ul style="list-style-type: none">• Deslocar-se em toda a área;• Combinar o andar, o correr, o saltitar, o deslizar, o saltar, o cair, o rolar, o rastejar, o rodopiar;• Seguir a movimentação do companheiro;• Criar pequenas sequências de movimentos.	<ul style="list-style-type: none">• Deslocação;• Sequências de dança.	<ul style="list-style-type: none">• Cd do musical	<ul style="list-style-type: none">• Começo por fazer um pequeno aquecimento com exercícios de motivação inicial;• Realização de alguns passos de dança sa musica “É Natal” e definição dos alunos que o iram fazer no musical.

Apêndice 11



PLANO DE AULA

PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Prof. Elizabeth Brito

Prof. Cooperante: Prof. Fernanda Cosme

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Centro Escolar da Sequeira

Nível de ensino: 4º ano

Data: 8 de dezembro de 2011

Turma: B

Tempo: 45 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Expressão dramática	<ul style="list-style-type: none">• Participar na elaboração oral de uma história;• Explorar a respiração torácica e abdominal;• Explorar diferentes maneiras de dizer• Vocábulos.	<ul style="list-style-type: none">• Dicção;• Respiração;	<ul style="list-style-type: none">• Musical “Pinheiro de Natal”.	<ul style="list-style-type: none">• Definição das personagens;• Alguns exercícios de interpretação e dramatização.

Apêndice 12

Musical - Pinheiro de natal

Narrador - Esta história passa-se num lugar muito longínquo, onde vivia uma família, uma família diferente de todas as outras, mas que muitas vezes podemos ver do outro lado da janela.

Ariana – Mais um ano passa e onde temos o nosso pinheirinho?

Catarina – Será que este ano podemos fazer um pinheirinho?

João Meda – Já sabem que não gosto do Natal, nem pinheirinhos, em enfeites, não ouvem a falar da crise?

Ana Beatriz – o natal, podem o ver da janela...

1. Música das crianças (faixa 12):

Todos anos são assim
O natal só bate ao lado,
Vemos casas enfeitadas
E as ruas iluminadas.

Esta é uma história longa,
Pois meu pai não gosta dela
É a história do Natal
Mas só fora da janela.

Dinis – crise? Podemos fazer um pinheirinho pequenino....

Ariana – Nós fazemos os enfeites...

Ana Beatriz – Mas não há dinheiro para o pinheiro!

Ana Lúcia – então...

Catarina – Nós podemos fazer um pinheirinho de jornais.

Ana Lúcia – Ou melhor... e se fosse de garrafas?

Entra em cena o tio com os seus 5 filhos.

Tio (João Lourenço) – olá família, tudo bem?

Todos com ar espantado, param as suas tarefas.

João Lourenço – sabem porque vos visito? A vida pregou-me uma partida e eu fiquei sem ter onde morar...

Criança A (**Sara**) – Mas pai.. ficamos sem casa?

Criança B (**André Cabral**) – onde vamos morar?

João Lourenço – Vim pedir uma ajuda aqui ao meu irmão, sei que passamos dificuldades mas só queremos um cantinho para morar.

Francisco Gil – Mas vamos morar todos juntos?

Francisquinho – Seremos muitos!!

João Meda – espaço há para todos, e a comida poderemos partilhar....

Todas as crianças – vamos ficar todos juntos na noite de natal?

Narrador –Esta era uma família como hoje não se vê: oito filhos, um pai e uma mãe que passava a vida preocupada em trabalhar que raramente estava em casa, um tio, irmão do pai que vivia com os seus sobrinhos e sobrinhas e os seus cinco filhos

1. Musica das crianças (todas as crianças) faixa 22

Todos juntos o natal vamos passar
Com alegria, diversão e muito amor
O natal é festejado a cantar,
Todos juntos o dia vamos lembrar
Mas nossa árvore que não temos
Assim não parece o natal
Ficaremos todos juntos mas tristes
sem a nossa árvore de natal (bis)

Refrão

Narrador - As crianças do pai Meda mostram-se tristes, pois o Natal aproximava-se e eles desejavam muito um pinheiro de Natal, mas ao mesmo tempo, a felicidade dos seus primos era enorme, pois iriam passar o Natal todos juntos.

Criança C (**Bruno**)– Não sabia que o vosso pai, não vos deixava fazer um pinheirinho de Natal.

Criança D (**André Gama**) – Mas porque? Nós todos os anos fazemos uma árvore de natal, nem que seja desenhada num grande cartão velho...

Criança E (**Marco**) – Mas porque é que o tio não quer um pinheiro de Natal?!

Dinis – crise? Podemos fazer um pinheirinho pequenino....

Ariana – Nós fazemos os enfeites...

Ana Beatriz – Mas não há dinheiro para o pinheiro!

Ana Lúcia – então...

Catarina – Nós podemos fazer um pinheirinho de jornais.

Ana Lúcia – Ou melhor... e se fosse de garrafas?

Entra em cena o tio com os seus 5 filhos.

Tio (João Lourenço) – olá família, tudo bem?

Todos com ar espantado, param as suas tarefas.

João Lourenço – sabem porque vos visito? A vida pregou-me uma partida e eu fiquei sem ter onde morar...

Criança A (**Sara**) – Mas pai.. ficamos sem casa?

Criança B (**André Cabral**) – onde vamos morar?

João Lourenço – Vim pedir uma ajuda aqui ao meu irmão, sei que passamos dificuldades mas só queremos um cantinho para morar.

Francisco Gil – Mas vamos morar todos juntos?

Francisquinho – Seremos muitos!!

João Meda – espaço há para todos, e a comida poderemos partilhar....

Todas as crianças – vamos ficar todos juntos na noite de natal?

Narrador –Esta era uma família como hoje não se vê: oito filhos, um pai e uma mãe que passava a vida preocupada em trabalhar que raramente estava em casa, um tio, irmão do pai que vivia com os seus sobrinhos e sobrinhas e os seus cinco filhos

2. Musica das crianças (todas as crianças) faixa 22

Todos juntos o natal vamos passar
Com alegria, diversão e muito amor
O natal é festejado a cantar,
Todos juntos o dia vamos lembrar
Mas nossa árvore que não temos
Assim não parece o natal
Ficaremos todos juntos mas tristes
sem a nossa árvore de natal (bis)

Refrão

Narrador - As crianças do pai Meda mostram-se tristes, pois o Natal aproximava-se e eles desejavam muito um pinheiro de Natal, mas ao mesmo tempo, a felicidade dos seus primos era enorme, pois iriam passar o Natal todos juntos.

Criança C (**Bruno**)– Não sabia que o vosso pai, não vos deixava fazer um pinheirinho de Natal.

Criança D (**André Gama**) – Mas porque? Nós todos os anos fazemos uma árvore de natal, nem que seja desenhada num grande cartão velho...

Criança E (**Marco**) – Mas porque é que o tio não quer um pinheiro de Natal?!

3. Música do tio e do pai (faixa 14)

Tio –esta é uma história muito antiga

O nosso pai já não gostava do natal

Pai- e eu queria sempre o pinheirinho lá em casa

Mas natal era fora da janela

Eu sonhei que um dia quando fosse grande

Que teria o meu pinheiro mas agora não tenho dinheiro

Tio- mas há sempre uma maneira quando a vontade é grande (*bis*)

Gonçalo – mas pai... nós queremos que tenhas um Natal feliz, sabemos que não temos muito dinheiro, mas podemos fazer um pinheirinho com garrafas que fomos guardando para a reciclagem.

Cláudia – O mais importante é estarmos juntos.

Ariana – e juntos tornaremos este natal inesquecível, para nós, e...

Dinis – para o nosso pai que ficará a gostar do natal...

Gonçalo – então. Bora lá construir o pinheirinho....

Enquanto todas as crianças preparam o pinheirinho com artigos reciclados com o pai, a mãe coloca na mesa alguns doces tradicionais do Natal ..

4. Música da mãe e algumas crianças (10)

Nem posso acreditar que isto é real

Vamos todos festejar o dia de natal

Agora o natal também é cá dentro

Temos pinheiro e uma mesa recheada

Agora já está tudo pronto para o natal

Vamos unirmos e assim seremos felizes

Agora o natal também é cá dentro

Temos pinheiro e uma mesa recheada

Repete

Marco- hum.... Que cheirinho, cheira a rabanadas acabadinhas de fazer...

Bruno – eu estou cansado, apetece-me petiscar algo..

Mãe – vamos já nos reunir de volta da mesa e comer..

Pai - E apreciar o nosso belíssimo pinheiro de natal...

Fingem comer ou comem qualquer coisa (breves segundos) e começam a cantar a musica final na mesa e vão saindo aos poucos para a frente do palco

5. Música do fim (faixa16)

Era natal

Parecia banal

Mas uma surpresa

Estava a chegar
E o desejo quase a/ realizar
Começamos pelo pinheiro
Nós fomos pondo a mesa,
Reunimo-nos todos juntos e o sonho construimos
E é natal,
Estamos felizes,
E é um dia muito especial
Paz, amor, e alegria
Mais vos posso contar
Desta história de embalar
Mas agora vamos gozar a noite de natal
Falta nos dizer, que isto é real
E devemos olhar para o lado
E contribuir cum feliz natal.

Apêndice 13



PLANO DE AULA

PES II

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Elizabete Brito

Prof. Cooperante: Prof. Tânia Costa

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

Nível de ensino: 5º ano

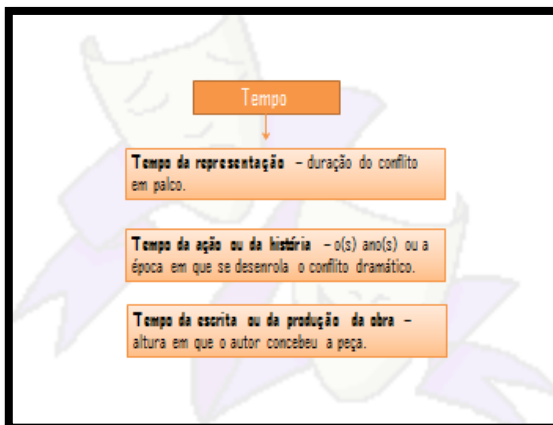
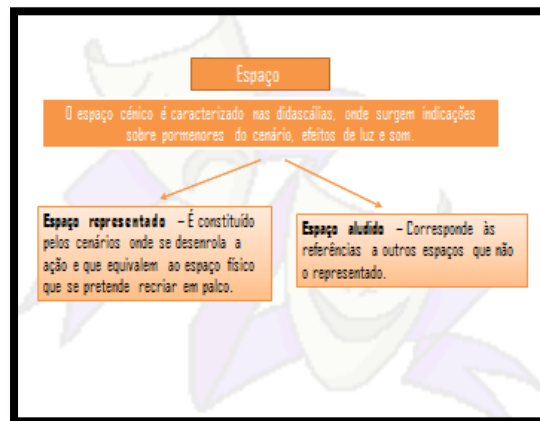
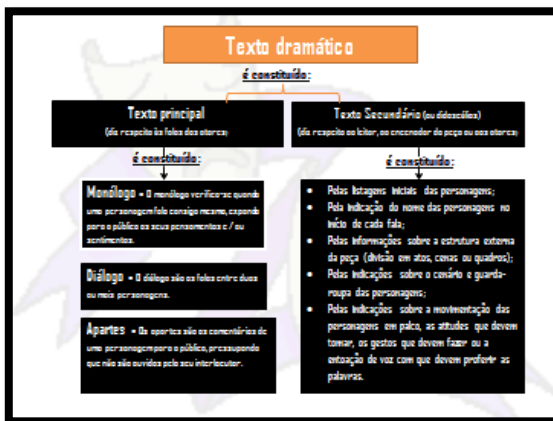
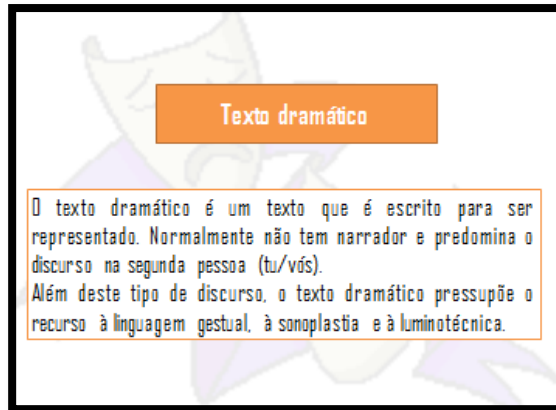
Data: 16 de abril de 2012

Turma: B

Tempo: 90 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Língua Portuguesa O texto dramático	<ul style="list-style-type: none">• Organizar as respostas de acordo com o foco da pergunta ou pedido;• Usar com precisão o repertório de termos relevantes para o assunto que está a ser tratado;• Controlar as estruturas gramaticais mais adequadas à resposta a fornecer;• Combinar os enunciados numa organização textual com coesão e coerência;	<ul style="list-style-type: none">• Ato;• Cena;• Fala;• Didascálias;• Indicações cénicas.	<ul style="list-style-type: none">• Manual;• Quadro;• <i>Power point</i> “O texto dramático”• Caderno.	<ul style="list-style-type: none">• Registo do sumário “O texto Dramático”;• Visualização do <i>power point</i> “O texto Dramático”;• Esclarecimento de dúvidas e registo de algumas noções sobre este tipo de texto.

Apêndice 14 – Power Point “O texto dramático”





PLANO DE AULA
PES II

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Ana Lopes

Prof. Cooperante: Prof. Georgete Pereira

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

Nível de ensino: 6º ano

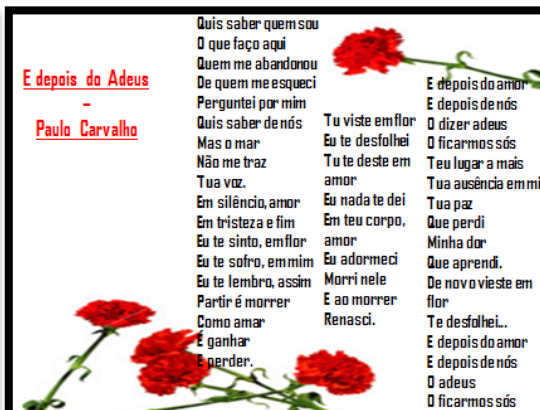
Data: 4 de junho de 2012

Turma: B

Tempo: 90 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
O 25 de Abril de 1974	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar documentos escritos; • Reconhecer a Revolução de abril como um conjunto de acontecimentos que produziram mudanças significativas em Portugal, sensibilizando-se para os conceitos de interação e causalidade; • Compreender relações entre o passado e o presente, através do reconhecimento de mudanças e permanência; • Interpretar imagens; • Aplicar conceitos de mudança/permanência; • Utilizar unidades de referência temporal; 	<ul style="list-style-type: none"> • A restituição das liberdades; • Direito de voto; • A descolonização; • Poder Central; • Governo; • Assembleia da República; • Região Autónoma; • Os direitos e os deveres fundamentais; • Os órgãos do poder político; 	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro; • Caderno; • Manual; • Giz; • Vídeo projetor; • <i>Power point</i> "O 25 de Abril". 	<ul style="list-style-type: none"> • Começo por registar o sumário: "O 25 de abril de 1974 – A restituição das Liberdades. • Visualização e interpretação do <i>power point</i>; Registo de algumas conclusões, a partir de ideias dos alunos.

Apêndice 16 – Power Point “O 25 de abril de 1974”



A restituição das liberdades

Mas quem ficou a governar o país?



- Libertação dos presos políticos;
- Extinção da OGS (Ex -PIDE);
- Extinção da Legião Portuguesa e da Mocidade Portuguesa;
- Abolição da censura;
- Reconhecimento da liberdade de expressão;
- Discussão do problema da guerra colonial.



O início das operações militares

Dia 25 de Abril de 1974, zero horas e vinte e nove minutos. Portugal entra na "contagem decrescente" para o início da queda do regime fascista. Forças militares em vários pontos do País aguardam a palavra de ordem para o desencadear das operações.

A senha* chegou pela canção de Zeca Afonso, "Grândola, vila morena", transmitida no programa "Limite", difundido pela Rádio Renascença.

Entre as 00:30 e as 3 horas regista-se o eclodir das primeiras operações militares, decisivas para o êxito final do golpe levado a cabo pelo Movimento das Forças Armadas (...).

As 3 horas vários pontos vitais da capital são ocupados simultaneamente: Rádio Clube Português, Comando da Região Militar de Lisboa, Emissora Nacional e Rádio Marconi.

Afonso Praça* e outros, "25 de Abril"



*senha = sinal combinado
*Afonso Praça - jornalista

A descolonização

Os novos países africanos

Novos países Africanos	Data da independência
Rep. Guiné - Bissau	1974 - 09 - 10
Rep. Pop. Moçambique	1975 - 06 - 25
Rep. Cabo Verde	1975 - 07 - 05
Rep. São Tomé e Príncipe	1975 - 07 - 12
Rep. Popular de Angola	1975 - 11 - 11

Os Retornados



Regressaram a Portugal cerca de 500 000 colonos retornados na sua grande maioria de Angola e Moçambique.

A consolidação do regime democrático

Beijões para formar a assembleia constituinte



- Concorreram vários partidos políticos;
- O ato eleitoral foi fiscalizado por todos os partidos concorrentes;
- Todas as pessoas - homens e mulheres - com mais de 18 anos puderam votar.

Constituição de 1976

"Direitos e liberdades fundamentais"

- Liberdade de expressão e opinião;
- Liberdade de reunião e de associação;
- Liberdade sindical;
- Direito ao trabalho;
- Direito à educação.

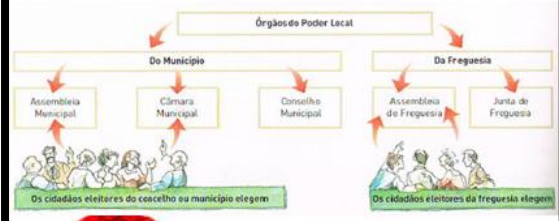


Os órgãos do poder político

O poder central



O poder local



Apêndice 17



PLANO DE AULA

PES II

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Prof. Pedro Tadeu

Prof. Cooperante: Prof. Ana Castro

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

Nível de ensino: 5º ano

Data: 2 de março de 2012

Turma: C

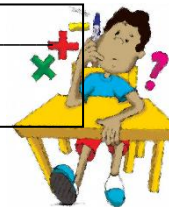
Tempo: 90 minutos

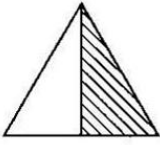
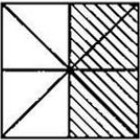
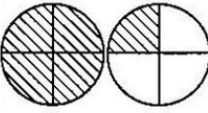
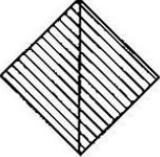
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Matemática Números racionais não negativos	<ul style="list-style-type: none">• Representar sob a forma de fração um número racional não negativo dado por uma dízima finita;• Ler uma fração com denominador 10, 100 ou 1000;• Representar uma fração usando uma figura geométrica.	<ul style="list-style-type: none">• Leitura das frações;• Representação de frações	<ul style="list-style-type: none">• Manual;• Ficha 2;	<ul style="list-style-type: none">• Registo do sumário: "As frações – Representação e leitura".• Exemplificação de frações através do Litro/meio litro e do quilo/meio quilo;• Realização de alguns exemplos de frações dados pelos alunos;• Realização da ficha nº 2 em conjunto com os alunos;• Correção da ficha e esclarecimento de dúvidas.

Apêndice 18

Ficha formativa - Frações

Nome: _____ nº _____
 Data: _____ 5ºC



A	B	C	D
			
Figura	Partes pintadas	Total das partes	Fração
A	1	2	$\frac{1}{2}$
B			
C			
D			

Apêndice 19



PLANO DE AULA

PES II

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Eduarda Ferreira

Prof. Cooperante: Prof. Graciete Dâmaso

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

Nível de ensino: 5º ano

Data: 10 de abril de 2012

Turma: B

Tempo: 90 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Diversidade de plantas e suas interações com o meio – Plantas com flor	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer a constituição da flor.	<ul style="list-style-type: none">• Pedúnculo;• Cálice;• Androceu;• Estame;• Ovário;• Corola;• Gineceu;• Carpelos;• Ovulo.	<ul style="list-style-type: none">• Manual;• Quadro;• Caderno;• Flor.	<ul style="list-style-type: none">• Começa-se por distribuir uma flor a cada aluno e uma folha de papel;• Após todos os alunos terem este material, procede-se à desagregação da flor: pedúnculo, sépalas, pétalas, recetáculo, estame e carpelo;• À medida que os alunos vão desagregando as flores vão colando os seus constituintes na folha que lhes é dada e legendando;• Quando a atividade tiver terminado faz-se uma pequena síntese oral sobre a flor e os seus constituintes.



PLANO DE AULA

PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Professora Elizabete Brito

Prof. Cooperante: Professora Fernanda Cosme

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Centro Escolar da Sequeira

Nível de ensino: 4º ano

Data: 9 de janeiro de 2012

Turma: B

Tempo: 50 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
<p>Educação Sexual O meu corpo - Anatomia e fisiologia</p>	<ul style="list-style-type: none"> Compreender as diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino; Diferenciar género de sexo. 	<ul style="list-style-type: none"> Sexo feminino; Sexo masculino. 	<ul style="list-style-type: none"> Post-it; Power point “o João e a Joana”. 	<ul style="list-style-type: none"> Na aula de educação sexual, vou começar por entregar aos alunos um post-it, onde eles escreveram as diferenças entre ser rapaz e rapariga; Depois visualizamos o <i>power point</i> e retiramos conclusões dos post-it em relação ao visualizado


Apêndice 21 – Power point “O João e a Joana”

MENINO OU MENINA?
Eis a questão...

QUEM SOU EU?



EU SOU O JOÃO E EU SOU A JOANA!



- Qual é o João?
- Qual é a Joana?

VAMOS AJUDAR-TE A DESCOBRIR...

EM CASA,
OS DOIS GOSTAM DE AJUDAR...



Será que, a partir destas imagens, és capaz de dizer:

- Quem é o João?
- Quem é a Joana?

AMBOS GOSTAMOS MUITO DE IR À ESCOLA,
PARA APRENDER E BRINCAR...



Agora que conheces algumas das suas brincadeiras favoritas, já sabes:

- Qual é o João?
- Qual é a Joana?

DUAS VEZES POR SEMANA,
VAMOS À PISCINA NADAR...



Equipados
assim para ir
ao banho,
consegues
reconhecer:
• Qual é o João?
• Qual é a
Joana?



SE AINDA NÃO DESCOBRISTE...

OBSERVA OS DESENHOS SEGUINTE E JÁ
SERÁS CAPAZ DE DIZER:

- QUAL É O JOÃO!
- QUAL É A JOANA!



JÁ DESCOBRISTE!

Eu sou _____

Eu sou _____



A Joana



O João

Apêndice 22



PLANO DE AULA

PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Professora Elizabete Brito

Prof. Cooperante: Professora Fernanda Cosme

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Centro Escolar da Sequeira

Nível de ensino: 4º ano

Data: 16 de janeiro de 2012

Turma: B

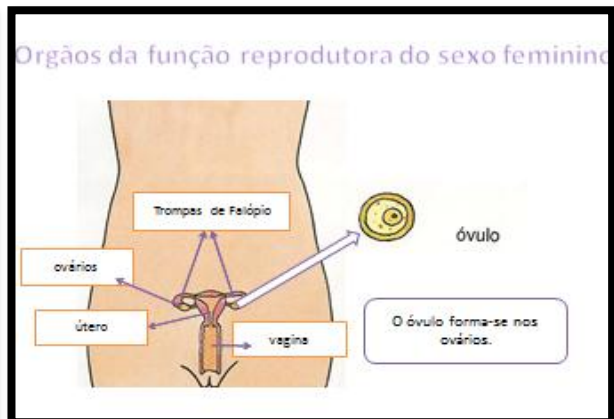
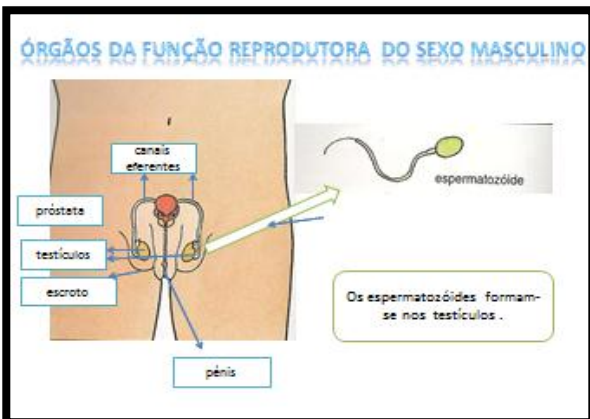
Tempo: 50 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Educação Sexual Anatomia e fisiologia	<ul style="list-style-type: none">Conhecer o sistema reprodutor feminino e o sistema reprodutor masculino.	<ul style="list-style-type: none">A reprodução;Sistemas reprodutores.	<ul style="list-style-type: none"><i>Power point:</i>”como nascem os bebés”;Caixas das dúvidas.	<ul style="list-style-type: none">Primeiro vou fazer o ponto de encontro com a aula anterior, o que foi abordado, e através do <i>power point</i>, como nascem os bebés explicarei o sistema reprodutor feminino e masculino e a reprodução;No fim, darei umas folhas, onde os alunos poderão colocar dúvidas que tenham sobre o sistema reprodutor ou a conceção, que depois esclarecerei.

Apêndice 23 – Power Point “Como nascem os bebês”



Para isso tens de ficar a conhecer os órgãos sexuais internos do teu corpo.

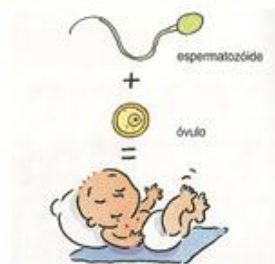


Os pais da Lúcia amam-se muito e desejavam que ela tivesse um irmãozinho.



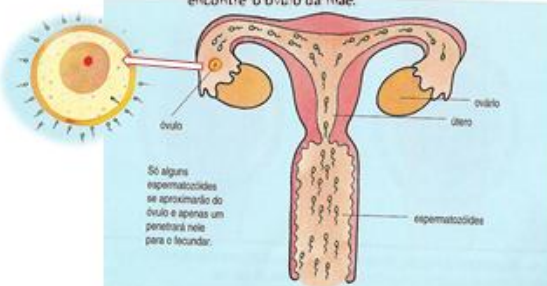
Para fazer o bebé, vão abraçar-se ternamente, muito encostadinhos um ao outro, e o pai introduzirá o seu sexo no sexo da mãe.

No momento em que se sentirem mais felizes, o pai enviará para a barriga da mãe as sementes da vida: os espermatozóides. A mãe tem dentro dela, outra semente da vida: o óvulo.

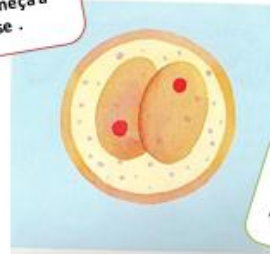


O princípio da vida

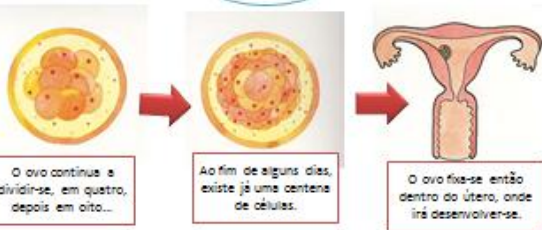
Para que o bebê se forme é necessário que um espermatozoide do pai encontre o óvulo da mãe.



Algumas horas depois de ter sido fecundado, o óvulo começa a dividir-se.

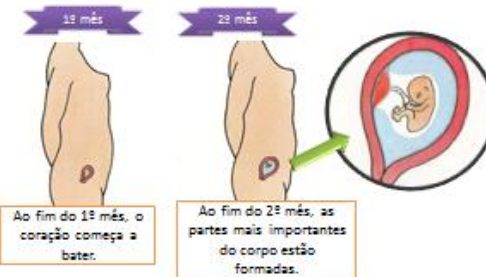


O óvulo fecundado transforma-se num ovo.



Os Primeiros Meses

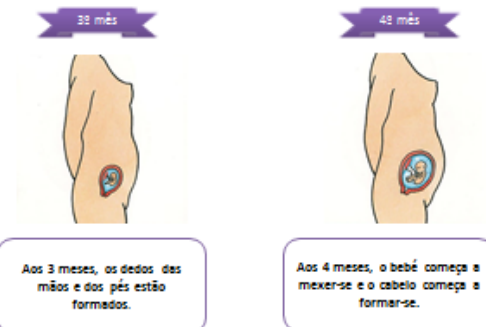
Estes meses são muito importantes, pois é durante este tempo que o ovo se transforma num bebé minúsculo.



A mãe fica agoniada muitas vezes e também muito cansada!



O corpo da mãe já tem tudo no seu lugar e vai, simplesmente, continuar a crescer.





Durante a gravidez, a mãe vigia o seu peso e vai regularmente ao médico para ver se está tudo bem.

O bebé começa a crescer cada vez mais. Chucha no polegar e dá pontapés na barriga da mãe.

6º mês



Aos 6 meses, o bebé mede mais de trinta centímetros e já cruza os braços.

7º mês



Aos 7 meses, o bebé consegue ouvir a voz da mãe.



A barriga da mãe cresceu muito. Está na altura de começar a comprar as roupas do bebé.

No fim do 9º mês, a mãe começa a sentir dores na barriga: o bebé vai nascer...



A barriga da mãe está enorme!

A mãe vai para a maternidade. Está tudo pronto para receber o bebé.



Durante 9 meses, o bebé cresceu dentro da barriga da mãe. Agora, já é capaz de viver sozinho: chegou o momento do nascimento.



O bebé é colocado em cima da barriga da mãe, e tenta logo mamar. O pai está feliz porque pôde assistir ao nascimento do seu filho.

Apêndice 24



PLANO DE AULA

PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Professora Elizabete Brito

Prof. Cooperante: Professora Fernanda Cosme

Aluno: Luciana Rios

Local de estágio: Centro Escolar da Sequeira

Nível de ensino: 4º ano

Data: 19 de janeiro de 2012

Turma: B

Tempo: 50 minutos

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Descrição da atividade
Educação Sexual Prevenção do abuso	<ul style="list-style-type: none">Identificar e saber aplicar respostas adequadas em situações de injustiça, abuso ou perigo e saber procurar apoio, quando necessário.	<ul style="list-style-type: none">O abuso sexual.	<ul style="list-style-type: none"><i>Power point:</i> “Até onde vai o carinho”;Poema: “Quem manda aqui sou eu”;Notícias de abuso sexual	<ul style="list-style-type: none">Começo com a aula, expondo o <i>power point</i>;Á medida que vou expondo as imagens do <i>power point</i> e vou retratando cada imagem, ou lendo uma história relativa a cada imagem;Leitura de notícias de abuso de menores recolhidas pelos alunos;No fim, leio o texto em conjunto com os alunos “Quem manda aqui sou eu” e entrego a cada aluno.

Apêndice 25 – Power Point “Até onde vai o carinho”

Educação sexual

“Até onde vai o carinho...”

Saber dizer...

NÃO!

A cartoon illustration of a young girl with pigtails, looking surprised or shouting the word "NÃO!" (No!).

Saber dizer não aos beijinhos por obrigação...

A cartoon illustration of a girl with several red kisses on her chest.

A história do tio Henrique

A cartoon illustration of an older man sitting in a chair and a young boy standing next to him.A cartoon illustration of a man in a uniform holding a gift and a girl kneeling in front of him.

Há bons e maus segredos...
Só devemos guardar os bons!!!!

A cartoon illustration of a woman and a girl in a bathroom, with the girl standing by a toilet.

A história da Tia Ana



Quem manda aqui sou eu!

Quem manda aqui sou eu,
 Já meço um metro e tal,
 Neste corpo, que é meu,
 Ninguém vai fazer mal.

Sou eu quem manda aqui,
 Por isso eu não tolero
 Que alguém possa pensar
 Fazer-me o que eu não quero

Sou eu quem aqui manda!
 Já disse NÃO! Respeito!
 Não me podes tocar!
 Não tens esse direito!

Quero dizer que sim, posso dizer
 que sim
 Aos carinhos, aos beijinhos
 De quem gosta de mim.

Mas sei dizer que NÃO, em peso
 ou em verso,
 Às carícias maldosas
 De um adulto perverso!

Apêndice 26 - Noções dos alunos sobre a importância da Educação Sexual

Qual é a importância das aulas de educação sexual

Para mim, a importância das aulas de educação sexual, é para os alunos ficarem a saber tudo sobre esse tema. Os alunos precisam de aprender e de lembrar esse assunto, porque mais tarde lhes irá acontecer coisas relacionadas com isso.

No futuro este assunto vai fazer parte das nossas vidas, e nos devemos estar preparados para essa situação.

Educação sexual

A importância das aulas de educação sexual é que nas essas aulas podemos aprender a saber como nascem os bebés, aprendemos o sistema reprodutor masculino e feminino, e aprendemos qual a diferença entre um rapaz e uma rapariga e sabemos o que são abusos sexuais.

Estas aulas significam que quando for grande já sei isto e evito alguns riscos sexuais.

Estas aulas são muito curiosas e eu gosto de aprender.

Isto é uma lição para todos nós.